AVEIRO, 12 DE OUTUBRO DE 1968 * N.º 727

# Litoral

ANO XV

Director e Editor — David Cristo * Administrador Alfredo da Costa Santos * Proprietários — David Cristo e Francisco Santos * Redacção, Administração, Comp. e Impres. na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sarg. Clemente de Morais, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

A uma velhinha, tão devota quanto gulosa, perguntaram como ambicionava o céu: — Enorme montanha de pão-de-ló — respondeu — com suas **neves** de açúcar e **rios** de capilé...

Em «Cada cabeça... sua sentença», inquérito de Pinto da Costa nestas colunas, algumas anónimas cabeças ditaram suas sentenças sobre a Imprensa local. Todas reve-

Continua na página cinco

# FRANCISCO DA SILVA ROCHA

DR. AUGUSTO JOSÉ SOBRINHO BARATA DA ROCHA

*POR vezes, é em circunstâncias angustiantes da nossa vida profissional que nos unimos, por laços duma sólida amizade, a pessoas que momentos antes deconhecíamos.*

*Quis o destino que, numa noite fria e chuvosa do anormal Setembro que acabamos de viver, me aparecessem, no banco de urgência do Hospital de S. João, um padre e um engenheiro, que procuravam informar-se do estado de saúde dum pequenito que este último tinha atropelado gravemente, sem que, ao que parece, lhe coubessem quaisquer responsabilidades.*

*Após as primeiras informações que lhes pude dar e porque o prognóstico não era desesperador, tratei de serenar, como era de minha obrigação, a alma aflita desse preocupado engenheiro, a quem o seu amigo e bondoso sacerdote já também procurava amparar, acompanhando-o, naquele momento difícil da sua vida, ao local onde o pequenito traumatizado se encontrava internado.*

*Afastada a conversa médica que na altura se impunha, entrámos como bons amigos e já velhos conhecidos, num diálogo bem diferente, que procurei alongar, não só como motivo de distracção, mas também como tentativa de instituir uma psicoterapia que julguei oportuna e que foi, sem dúvida, de grande eficácia. Pouco depois do início deste novo diálogo, já se falava, propositadamente, em tudo menos no nosso doentinho, e já se discutiam os mais diversos problemas, entre os quais os da arte, que são sempre, para mim, de palpitante e oportu-*

Continua na última página

# ACTIVIDADE MUNICIPAL 1969

*Com o traslado para estas colunas da parte final do relatório inserto no documento apresentado pelo Presidente da Câmara ao último Conselho Municipal, damos por cumprida a promessa de divulgar, neste semanário, o pensamento dos responsáveis camarários quanto a realizações projectadas, a prosseguir, ou iniciar, no próximo ano.*

*Considerações nossas, que tínhamos por pertinentes; complementaridade das informações com elementos que pessoalmente foram fornecidos à Imprensa pelo Presidente da Câmara — tudo ficará, por agora, a aguardar novos contactos com o sr. Dr. Artur Alves Moreira, que se propôs avistar-se periòdicamente com os órgãos de informação, destinando um só tema para cada uma das conferências.*

PARA a execução dos programas de urbanização, continuará a Câmara a ter necessidade de ir adquirindo os terrenos e prédios que a tal se ofereçam, com a grande vantagem de, uma vez urbanizados, poderem ser postos à consideração dos munícipes interessados, em hasta pública, de molde a serem ocupados, a curto prazo, pois tal será sempre imposto, com as respectivas construções, pré-definidas, e, ainda, de se contrariar a tendente especulação de alguns proprietários que nem constroem nem cedem os seus terrenos em razoáveis condições, a permitir uma utilização adequada à valorização das áreas em que se inscrevem.

Considerar-se-á como actuação igualmente dominante, no próximo ano, a construção de casas de renda económica, especialmente destinadas a funcionários administrativos e públicos, aos desalojados (mercê de obras de urbanização) e a pobres, pois neste sector não houve possibilidade ainda de o Município actual com eficiência, encarando frontalmente o problema. Com este fim, já foi adquirida, no corrente ano, com largo dispêndio do Município, uma grande propriedade, com cerca de 20 000 metros quadrados, na cidade, estando já concluídos os estudos técnicos que permitirão brevemente apresentar à consideração superior a solução adoptada que, uma vez aprovada e reunidas as condições financeiras, permita dar expressão a tão meritória iniciativa. Formula-se o melhor dos votos para que não surjam dificuldades a obstar à realização do empreendimento. Aquela valiosa propriedade, acrescentar-se-ão outras já adquiridas e a adquirir em zonas dispersas pelo concelho, sobretudo nos subúrbios da cidade.

Continuar-se-á a providenciar no sentido de instalar condignamente todos os serviços camarários e, ainda, todos aqueles de carácter oficial que, mercê de imposição legislativa, cabem à administração municipal.

Proceder-se-á à pavimentação dos arruamentos da cidade e da zona rural que tal careçam , continuando uma actuação já encetada e que se pretende ampliar ; à prossecução das obras de saneamento dos esgotos domésticos e pluviais em zonas novas e nas que, embora já existentes, não possuam tais requisitos ; à melhoria do abastecimento de água, beneficiando a rede existente e ampliando-a, embora com subordinação ao projectado no estudo prévio de abastecimento de água ao concelho, submetido à consideração superior já na remota data de Março de 1966, e que, apesar das diligências feitas, continua a aguardar o parecer que permita a sua aprovação e sequente execução, por fases, em virtude do vultoso custo do empreendimento ; ter-se-á também presente a extensão, renovação e ampliação da rede eléctrica que abastece o concelho e que se pretende melhorar gradualmente, à medida das possibilidades financeiras e de trabalho.

Actuação a merecer o nosso melhor carinho e na continuação de uma linha de rumo encetada, será aquela que visa a cobrir eficientemente a cidade e a zona rural com uma rede de construções escolares que satisfaçam as necessidades existentes e as resultantes do notório acréscimo populacional.

Continuar-se-á a colaborar estreitamente com as juntas de Freguesia, muito particularmente com as do meio rural, prestando-lhes a necessária e imprescindível assistência técnica e financeira, a permitir satisfazer os seus mais justos anseios, dentro das possibilidades orçamentais do Município, e de acordo com a importância dos melhoramentos a concretizar, pois se reconhece as dificuldades que se deparam aos seus membros na abnegada e desinteressada missão de bem servir as suas terras.

Fomentar a localização de novas indústrias dentro da área do concelho. de molde a engrandecê-lo económica e socialmente, continuará a ser nosso lema, colaborando com as empresas na aquisição dos necessários terrenos para o efeito.

Será ainda nossa preocupação estimular e patrocinar todas as iniciativas de carácter cultural e desportivo que mereçam aceitação camarária, para além daquelas que se proporcionem a uma realização inteiramente municipal de colaboração com os respectivos órgãos consultivos.

Também estarão sempre presentes,

Continua na página três

# Cada cabeça... sua sentença

## DA BOLA E DOS LIVROS

COORDENAÇÃO DE PINTO DA COSTA

LEITORES crónicos que somos de gazetas e seus correlativos, difícil seria deixarmos passar uma notícia de há um ano, agora com justificada razão feita *reprise* n'«A Capital». Notícia que, de resto, é daquelas capazes de fazerem levantar um morto, se atendermos ao singularismo do título que, sem mais aquelas, põe «O livro acima do ... futebol».

Nanja que nós e o morto (a diferença não será de metro...) estejamos deliberadamente contra o jogo da bola; e, muito menos, contra os seus ferverosos, como respeitáveis, apaniguados. Só que ambos (nós e o morto, outra vez) nunca tiveram a dita (ou a desdita?) de viver num qualquer lugarejo deste jardim à beira-mar plantado, onde o gosto pelas letras e artes estivesse gloriosamente na dianteira do chuto à balisa, portanto no cimo da clássica tabela de pontos...

Continua na página três

— Que impressão lhe causa a mini-saia?
— Não acha a pergunta um pouco... cruel?!

# TEATRO NECESSARIO e NECESSIDADE de TEATRO

JOSÉ JÚLIO FINO

«Arte, arte acima de tudo, arte nobilíssima meus caros actores, pois foi para isso que subsistes ao mundo doloroso das tábuas do palco. Fazendo ARTE, cumpris a vossa missão perante o Público que vos adora» — F. GARCIA LORCA.

*2 TEATRO NECESSARIO E NECESSIDADE DE TEATRO! Sim, todos nós sabemos como a arte de teatro é fundamental e básica em todos os aspectos da vida do homem. Poderemos até afirmar e verificar como ela tem acompanhado a evolução do ser humano em todas as fases da sua tão longa história. Como ela tem contribuído decisivamente para alterações de toda a espécie nos diversos campos da sociologia humana.*

*O teatro desde sempre tem passado por metamorfoses e revoluções estruturais de toda a ordem. Quando isso sucede (como agora todos nós sabemos estar a acontecer) tudo se modifica e transforma. Surgem novas ideias e novos homens de teatro, com obras diferentes e levando para o palco outros problemas e outra vida. A cenografia, sistemas de encenação (como é óbvio) evolui e modifica-se, aparecem novas técnicas que revolucionam a maneira de iluminar a cena e de acompanhar o actor em todas as fases da sua permanência no palco, de demarcar situações com música, etc.*

*Nós — os do teatro! — somos obrigados, se quisermos realmente efectuar uma obra convincente, a acompanhar toda esta global movimentação que empurra o teatro para novas buscas e novas situações.*

*Agora vejamos: o público em geral será a isso obrigado? Está claro que não. Seria uma maneira de pensar utópica e completamente descabida. A quem caberá, portanto, a missão de o encaminhar, de o enraizar e mentalizar nesse sentido? A NÓS OS QUE NOS CONSIDERAMOS DO TEATRO! E como fazer? Precisamente... indo buscar o TEATRO NECESSARIO! (Mais uma martelada na tecla mártir!). E não transportar para a cena o que NÓS achamos necessário! Quando os esforços se conjugarem e tudo estiver a rolar na mesma direcção e com a mesma velocidade, então sim, é a*

Continua na página seis

## INSTITUTO DE FRANCÊS

Os magníficos resultados obtidos no ano transacto impuseram o Instituto de Francês ao justificado empenho dos aveirenses. Este ano, inicia-se ali um curso de literatura e conversação, com três horas semanais e sob regência de Mademoiselle Mary Joseph Radelet, distinta professora do mesmo Instituto. A literatura será base para conversação de mais elevado nível. A secretaria do Liceu presta todos os esclarecimentos que lhe forem solicitados.

# Crónicas de Cinema

Continuações da última página

## «Gringo não Perdoa»

*podia, disse lá um tipo quera sargento. O Gringo, quera bestial, o mais entendido, conhecia os territórios todos, inté tinha nascido, por acaso, naquele. Foi por isso que o corneteiro o encarregou duma missão terrìvelmente perigosíssima: servir de guia ao capitão, ao sargento e aos cavalos, queram três. Eles, o capitão, o sargento e o Gringo, tinham quintregar uma mensagem (quia atada num fio), no Forte Yuma, num sabemos se sabem. Alto! Num foi o corneteiro, coitado, quesse num sabia nadinha do que se passava, foi o coronel. O coronel é que foi. A mensagem é quera o fulcro da coisa. Mas o Gringo, (quafinal era Mac e tenente) tinha a dele ferrada. Um dia, ao entardecer, depois de muita trolha, até bateu cuma ferradura num tipo quera dos bandidos, quando tàva cèguinho, coitado. Mas afinal num tava nada: era tudo fita, para parolo ver. A gente é que pensava quele estava cèguinho de todo, porque um bandido que sabia uns truques dos índios apaches tinha-lhe aplicado uma tortura, o grande malandro, cu homem inté ia ficando mesmo invisualíssimo de todo. Mas a miúda, quaté era jeitosinha, é cu safou. Óspois o Gringo, quera mesmo bom, tinha apanhado chumbo e um velhote é cu salvou. Este velhote, óspois mais tarde morreu. Morria muita gente. Mas antes já o Gringo tinha conhecido a miúda e tinha metido a mensagem no saco dela, que tinha tirado do cadáver do sorja ou capitão, quera mesmo traidor de todo, o facínora, tinha assassinado pelas costas.*

*Devido à transcendência e profundidez da trama, não chegámos a perceber bem porqué ca mensagem era assim tão importante, seles já sabiam cumo era, porque o coronel tinha dito quera právisar o Forte, cus sulistas, queram oitocentos, iam atacá-lo e avisar tamém os sulistas cu forte tinha miliduzentos militares mais dezasseis canhões de calibre estuporado e portanto era melhor tárem quietos. E foi o caconteceu: ficaram quietos. Só um sulista, quera amigo da onça, é que deu um tiro no mensageiro caté vinha ca bandeira branca dos mensageiros.*

*Por imposição do argumentista, que quis dar um profundo toque trágico na mistela, o tal mensageiro, esgraçadinho, era mesmo o tal velhote que tinha salvo o rapaz gringo. Mas porém todavia contudo, devido à heroicidez dos bons, não chegou a haver conflito norte-sul: os sulistas(por respeito histórico) renderam-se. E a gente foi mais descansada pra casa.*

*As mortes estiveram a cargo do herói gringo, que matou para cima de quatrocentosecinquentaecinco cadáveres. E a fita, tá claro, acabou em bem. O Gringo casou com a Connie, que deixou dandar pelas tabernas do Oeste italo-franco-espanhol e aprendeu a estrelar ovos e a assar churrasco e que foi muito feliz e que teve muitos meninos. (Que diabo, ela inté mercia).*

*PORÊM...*

*Este ar de afastamento. Encontramo-nos forçosamente no cinema. É aqui o local de encontro. Mais do que nos clubes. Ah, sim, quantos sorrisos não viajam metafòricamente nos nossos lábios chegados da rua. Aqui estão os nossos amigos, os nossos inimigos, toda a gente que vem ver cinema empacotado. Motivos, os mais diversos. É como ir ao futebol descarregar as frustrações duma semana passada num escritório em que nos toleramos mùtuamente, segundo os bons princípios cristãos.*

*Vimos ao cinema porquê? Para extravazar todas estas forças que se chocam, até este desespero fundo que nos mina, sem sabermos bem porquê, neste país de assustação horizontal.*

*Aqui as bocas abrem-se em conversas que estamos a «comunicar» uns aos outros, tão sociáveis, tão submissos. Ah, pois, e que melhor local para se ouvirem anedotas?*

*«Gringo não perdoa» é mais uma anedota que custa a tragar. Custa efectivamente muito a tragar, mesmo como anedota onde a estupidez está sempre em primeiro plano.*

*Atrás de nós, os comentários: «Que herói, ahn!». E continuam a impingir-nos estes longos metros de fitas italo-franco-espanholas que nem para digestão fácil servem...*

*Até quando, Srs. Distribuidores? Até quando esta distribuição em massa da mais fria estupidificação colectiva?*

*Parece incrível que a Igreja, ao negar passadìsticamente filmes como «Blow-Up», «Bonnie e Clyde» e outros, não torne público aquilo que realmente deveria negar: filmes como este «Gringo não perdoa», em que se faz, para além de toda a mitificação posta na fita, um abjecto culto do herói.*

*Ao apontarem-se negativamente filmes como os citados,* atentórios contra a dignidade humana, *não se esclarece o perigo que películas como Gringos e companhia e toda uma vastíssima variedade do género, importada em quantidades maciças, encerram.*

*Será porque aqui a violência (lutas, tiroteios, enforcamentos, incêndios, coacção, esturpo, traição, etc.) é posta em termos de aventura mais ou menos galhofeira? Na verdade, filmes destes resultam anedóticos, ridículos, pueris, mas não para todos, temos que o reconhecer, ainda que classificados para maiores de 17 anos (e não o caso deste a que nos rereferimos, que era para maiores de 12 anos, o que é ainda mais grave).*

*É verem-se as atitudes dos jovens que vêm das povoações circunvizinhas. Pegam nas bicicletas, nas motoretas, nos automóveis, como quem faz uma carga de cavalaria, copiando as imagens que foram buscar a este cinema de alienação e brutalização.*

*Chegamos ao cúmulo de nas sessões de sábado os vermos de pistola à cinta e poses fanfarronas, tal como* aprendem *com este cinema. E dura isto há quanto tempo? Já não sabemos bem se será caso para desesperar, de tal modo as coisas estão... e estarão.*

ARTUR FINO
JÚLIO HENRIQUES

## «Viver para Viver»

co, não apenas indulgência mas simpatia até. E isto, longe de ser educar, é, antes, deseducar. Poucos espectadores conseguem perceber em Rob. o que ele é na verdade — um homem que preferiu escolher uma vida fácil, vida vazia, vida em que se mente e se omite.

2 — C. L. intercala no seu filme vários documentários cinematográficos referentes a crises sociais e políticas, actuais ou passadas, de países diversos. a China de Mao-Tsé-Tung, a Alemanha de Hitler, a emancipação da Africa negra, a guerra do Vietnam. Mas tais documentários resultam deslocados e estranhos ao contexto geral da acção do filme. Embora a história se relacione brevemente, em uma ou outra passagens, com as crises que referimos (na medida em que Rob., como repórter, realizou reportagens e documentários acerca de tais acontecimentos), a extensão com que os documentários figuram no filme não é fácil de justificar. Em boa verdade, aqueles acontecimentos mundiais não influenciam absolutamente em nada o desenrolar da história do filme, o comportamento das personagens. No fundo, dentro da história do filme, a guerra do Vietnam, a revolução chinesa, a Africa, Hitler, nada têm que ver com Robert, Catherine, ou Candice; nem estes têm nada que ver com aqueles. Se C. L. pretendeu apenas ilustrar em maior extensão a profissão de Rob., a verdade é que o fez com minúcia e demora inúteis. Se pretendeu que o seu filme fosse ao mesmo tempo um filme de enredo e um documentário de acontecimentos mundiais, não se percebe por que razão foi colocar lado a lado personagens e acontecimentos tão indiferentes uns aos outros. C. L. terá tido, enfim, a intenção de conseguir uma pretensa valorização do seu filme, de lhe dar um cunho de actualidade, de presença? Poderá ser. Mas isso, não pelo processo que usou. Processo que se torna até, de certa maneira, desonesto, na medida em que, a um espectador menos esclarecido, não proporciona uma informação profunda nem verdadeira acerca das crises referidas. Bem no fundo, existe na verdade uma relação entre as personagens de C. L. e a opressão do homem pelo homem documentada, de certa forma, nas reportagens apresentadas: é que uma vida de superficialidade e egoísmo, de omissão e não participação (como a das personagens de C. L.) é, em parte e num certo sentido,, a permissão indiferente e o sustentáculo de opressões do homem pelo homem, por esse Mundo fora. Mas, tanto quanto apreciámos, o filme não sugere fàcilmente esta verdade. (Nem terá sido intenção de C. L. sugeri-la, sequer).

3 — C. L. filma de uma maneira desenvolta e interessante as cenas de movimento e acção (v. g., a cena do safari em Africa). Sobressai também a maneira como ele utiliza grandes planos com os rostos das personagens. No entanto, repare-se: o que acontece muitas vezes é que nos são mostrados apenas rostos, apenas expressões — um sorriso, uma cara bonita, um rosto preocupado. Nada mais. Nada mais, para além disto. A maior parte das vezes, os rostos que Lelouche nos mostra não falam, não são eloquentes — duma eloquência que dispensa e substitui as palavras das personagens, e que vem enriquecer, acrescentar, tornar mais compreendido o desenvolver dos problemas e o desenrolar da acção. Os grandes planos de Lelouche mostram-nos caras apenas, a maior parte das vezes. Seja um exemplo: Robert despede-se da rapariga que veio trazer a casa, de carro; ele está sentado ao volante, e ela à porta de casa, prestes a entrar; aí temos nós um grande plano com a cara de Rob. sentado ao volante, um ar desenvolto, um leve sorriso; Rob. faz roncar o motor, prestes a abalar; um último aceno com a mão à rapariga na porta, uma aceleradela a fundo, e ele aí vai, o carro arranca com grande barulho do escape. Tudo isto é talvez moderno e desenvolto — mas é também fútil, é também mudo (quando não mentiroso).

4 — E é assim «Vivre pour Vivre»: viver para omitir, viver para nada. Não «Viver para Viver» ou «viver por viver». A não ser que viver seja omitir, seja nada. Mas não é.

LUIS LIMA RAMOS

# Cada cabeça... sua sentença

Continuação da primeira página

Mas vamos à notícia — que se não é do Entroncamento até parece. Sem alteração de uma vírgula, reza ela, pura e simplesmente, assim: «Em Barreiros, cidade do Estado de Pernambuco, o futebol foi vencido pela leitura — o livro suplantou a bola. A bibliotecária local, depois de frequentar um curso especializado do Instituto Nacional do Livro, revolucionou a sua pequena cidade, interessando as autoridades e o público em geral na sua iniciativa de divulgar o gosto pela leitura. O resultado é que aos domingos a frequência das bibliotecas (assim mesmo: no plural, e numa pequena cidade pernambucana! — isto é nosso) é maior do que a do futebol. O Instituto Nacional do Livro do Brasil, fundado em 1937, distribuiu até agora 1 555 066 volumes (repare-se! — achamos poucos) pelas bibliotecas do país, beneficiando 6 110 bibliotecas públicas e 771 privativas».

Para evitar ilacções precipitadas, podemos acrescentar de imediato que o êxito da *empreitada* não se ficou devendo, não senhor!, ao facto de a bibliotecária ter a seu favor a circunstância de ser um daqueles fenomenais «brotinhos de Copacabana», tão do agrado dos leitores do «Cruzeiro». A coisa aconteceu mesmo, «ao natural», sem batota ou faca na liga... Como também sem batota, ou cartas na manga, formulámos nós, cá nos sítios, a pergunta seguinte:

— FREQUENTA A BIBLIOTECA LOCAL, VAI AO FUTEBOL, PORQUÊ?

*UM ADVOGADO*

Passado que foi o período académico em que assiduamente frequentava a Biblioteca Nacional de Lisboa e a da Faculdade, não mais frequentei bibliotecas em qualquer das localidades onde residi. E porquê?... Primeiramente porque o tempo não me chega, sequer, para ler os livros alinhados em frente da minha mesa de trabalho e que, por os ter comprado ou me terem sido oferecidos e pelo seu próprio valor como elementos válidos de cultura, mereceriam a atenção que lhes tenho negado. Mas a principal razão está no facto de, hoje, eu entender que uma biblioteca só exercerá a sua verdadeira função se transcender a de mero armazém de livros. A Biblioteca morta e só actuante na medida em que fornece elementos de estudo ou de lazer, individualmente procurados, não me interessa talvez por dispor de livros que consumiriam a totalidade do meu tempo livre. O que eu queria era vê-la, viva, a servir de ambiente para leituras em conjunto que permitissem a abertura de debates livres sobre o assunto escolhido para a leitura, debates esses dirigidos por alguém que assumisse, no momento, a direcção da troca de impressões e apreensão positiva dos ensinamentos resultantes. Então sim, sacrificaria de boa vontade a parte do tempo que sobejasse das obrigações, em prol da colaboração actuante no todo de que sou parte.

Poderá parecer contraditório o que vou responder à segunda parte da pergunta. Sempre que posso, frequento o futebol. Gosto do espectáculo e vibro com ele. A beleza da movimentação dos atletas em busca de uma bola que logo repelem em criação de movimentos dirigidos para uma meta, e, sobretudo o espectáculo humano do deflagrar das paixões a que nem sempre consigo manter-me alheio, tudo isso me atrai e me prende, e, — por que não dizê-lo? — me serve para, durante aquele período, esquecer problemas.

Já se chamou à religião o ópio dos povos. Hoje, talvez o desporto, perdão, o futebol, pudesse receber o epíteto. Não é por acaso que o futebol tem sido usado como operação de despiste para as atenções da multidão. Quem sabe se, para além daquelas primeiras razões positivas de adesão, eu vou ao futebol por não ter força para resistir às solicitações negativas do engodo da operação, isto, evidentemente, sem prejuízo da beleza real que encontro na prática desportiva ou no simples espectáculo dela emergente, mesmo quando profissionalizada!...

*UM JORNALISTA PROFISSIONAL*

Não, de facto não frequento a Biblioteca Municipal. E vou ao futebol. A explicação talvez esteja numa ideia simplista em demasia: o futebol é uma coisa «viva», a biblioteca municipal é uma coisa morta.

Conheces-me o bastante para saberes que dou muito mais importância às bibliotecas do que ao jogo da bola. O que não quer dizer que renegue este último, sobretudo como fenómeno social. Simplesmente, as duas tentativas que fiz, há já um bom par de anos, para frequentar a biblioteca foram desastrosas. E foi numa idade — a minha — em que tais fracassos não perdoam. Andava — como contínuo a andar — à procura de coisas vivas, humanas, atraentes. A biblioteca Municipal encontra-se a quilómetros de tudo isso. O tempo que me preocupava — e preocupa — é o nosso tempo essencialmente. E do nosso tempo é que a Biblioteca pública da Câmara Municipal não é. Não pretendo negar que tenha obras de valor, mas para literatos ou estudiosos que lá tenham de ir com um fim específico. Nunca para a grande massa de possíveis leitores que, por deficiências de orçamento, tivessem de socorrer-se daquele veículo de cultura. Aquele velho casarão, organizado em moldes um tanto dormentes e arcaicos, não atrai ninguém. Por outro lado, a Biblioteca Municipal está longe de ser um veículo «democrático» de cultura: funciona a horas de trabalho, quando aqueles que mais necessitariam dela não a podem frequentar. Finalmente, a biblioteca é uma autêntica falência no que respeita a obras e autores de há uns bons quarenta anos para cá. Estas as razões porque só lá entrei duas vezes, quando tinha dezasseis anos.

Nessa altura já ia ao futebol, como ia ver praticar outras modalidades desportivas. Não é que concorde com a actual organização do futebol, longe disso. Contudo, trata-se de um fenómeno social de que não é possível alhear-mo-nos. Dizer que gosto de futebol, ou de desporto, não merecerá grandes explicações. Cada um possui a sua medida própria para aferir essas coisas. Frequento os espectáculos desportivos por isso mesmo: porque gosto. E também por imposição profissional, diga-se de passagem. Mas, também porque ali procuro uma interpretação humana e social do homem do nosso tempo. Porque não o posso desligar de um todo sócio-económico-político a que a orgânica desportiva, de um lado, e do espectáculo profissional futebolístico, do outro, estão ligados. Procuro, em súmula... muito resumida, a explicação para um fenómeno que há vários anos me feriu a sensibilidade: assisti ao espantoso silêncio de uma multidão de setenta mil pessoas que abandonavam tristemente um estádio onde durante hora e meia ocorreram as peripécias mais animadas. Nesta espécie de logro reside a maior parte do meu interesse. Porque, na minha concepção pessoal, no desporto verdadeiro e desinteressado não há lugar para tristezas e logros, como acontece todos os domingos em todos os campos do País.

Quanto a bibliotecas, coisa sem dúvida muito mais importante, vou procurando o muito que preciso ou por conta própria, ou na biblioteca dos amigos. Ou onde haja o que procuro.

Oxalá que a chamada Comissão Municipal de Cultura pense nisto. Já não é sem tempo.

*UM FUNCIONÁRIO PÚBLICO (JOVEM)*

O que se impunha a um manga de alpaca como eu, por razões económicas, era ser um frequentador assíduo duma biblioteca pública, neste caso a de Aveiro. Porém, as duas visitas que fiz à Biblioteca Municipal desiludiram-me: mau ambiente de estudo, os livros (muitos) única e simplesmente empilhados como velhos papéis, a inexistência de livros e revistas actuais que possibilitem uma cultura e uma informação adequadas, tudo isto são factores a pesar na recusa obstinada de lá tornar. E é pena. No meu caso pessoal, como no de muitas pessoas como eu, adquirir livros necessários a uma preparação cultural mais ou menos sólida torna-se difícil. Explico: compare-se o preço médio dum bom livro e saiba-se o ordenado de um funcionário público! No entanto, espero pela mudança de instalações da biblioteca e daqui faço força para que não mude apenas de vestimenta.

Quanto ao futebol: não estou nada interessado em me «distrair» com aquilo que (alguém já o disse) deixou de ser um desporto para se tornar em espectáculo. E num mau espectáculo!...

*UM INDUSTRIAL DE MARCENARIA*

Não, não tenho lido a secção do LITORAL, mas posso responder, por que não? Actualmente, não frequento a biblioteca. Já lá vai tempo... Aí há uns trinta anos, sim. Eu e mais rapaziada íamos lá frequentes vezes para ler uns romancitos... dos antigos. Depois meti-me nos selos; sou um apaixonado da filatelia. E é por causa dos selos, não dos livros, que, às vezes, vou à biblioteca, para trocar impressões com o funcionário que, normalmente, lá está, à noite. Reparo então que a frequência é, por assim dizer, nula: não mais de um ou dois leitores. O funcionário para ali está, quase a dormitar, por falta de «clientela»... Mas pode ser que as coisas mudem agora, com a transferência da livralhada para o edifício novo...

Ao futebol deixei de ir quando o Beira-Mar baixou de divisão... E também porque assisti a um arraial de pancadaria que deram, no campo, a um rapazito inocente e que, por sinal, até ia a sair de mãos nos bolsos; a fugir, como eu, duma carga de pancada. Livrei-me por um fio... Fica-te para nunca mais! ...Quer dizer, às vezes ainda lá vou, mas só para matar saudades da bola. E é tudo...

PINTO DA COSTA

# ARCA DE ANTIGUIDADES

Continuação da última página

rente neste reino, dando por fiador a António Martins de Abreu, morador no lugar do Pinheiro. E continuando o mesmo Oficial a apregoar que vinte mil réis lhe davam de renda pela dita barca de passagem, pelo tempo que decorre desde o dia de San Miguel do corrente ano, e há-de findar em igual dia do de mil oitocentos e sessenta e cinco, deu sua fé de não haver quem cobrisse este lanço, em vista do que mandou ele Presidente e mais vereadores que se afrontasse três vezes, findas as quais não havendo quem mais desse se entregasse o ramo, ao que o dito Oficial cumpriu, dizendo se havia quem desse mais de vinte mil réis em metal sonante corrente neste reino pela dita renda, que se ia a entregar, e que afronta fazia porque mais não achava, se mais achara mais tomara; que lhe dava uma, duas, três, e a mais pequenina, e afrontou, arrematou, e entregou o ramo ao dito arrematante, com a condição do produto desta arrematação ser feito em dois pagamentos, um à Câmara desta cidade, e outro à do Concelho de Albergaria, no fim de cada seis meses, e a ter três barcas quando forem precisas para a passagem. Ao que ele arrematante se obrigou por sua pessoa e bens presentes e futuros; e sendo presente o dito fiador, António Martins de Abreu, disse que de sua livre e espontânea vontade ficava por fiador e principal pagador do referido arrematante como se ele fosse o próprio que tivesse arrematado esta renda. E a tudo se obrigou a cumprir por sua pessoa e bens, de que se lavrou este auto, etc., etc.».

# Actividade Municipal

Continuação da primeira página

a merecerem particular desvelo, as funções assistenciais que caberão ao Município, por imperativo da lei e pela intenção que nos anima.

Promover, estimular e auxiliar todas as organizações que criem motivo de atracção aos munícipes da cidade e da zona rural, bem como a visitantes, será sempre cuidadoso objectivo da Câmara.

Continuar-se-á a diligenciar no sentido de virem a ser realidade velhas aspirações que, embora não sendo exclusivamente de interesse municipal, nem por isso deixarão de ter o seu reflexo na valorização do meio, pois a cidade de Aveiro domina uma vasta região de real valia económica-social e com características muito próprias, muito particularmente no tocante a potencialidades turísticas invulgares a requererem mais atenção do que aquelas com que tem sido distinguido, apesar do reconhecimento geral. Assim, pugnar-se-á pela construção de uma estrada que venha a ligar Aveiro à Murtosa e pela realização de uma obra transcendente, como será a construção de uma ponte que venha a ligar as duas margens da Ria, sobre o canal de S. Jacinto, necessidades estas que hão-de ser realidade quando os responsáveis se aperceberem da sua valia e para as quais o tempo há-de permitir que se venham a realizar as indispensáveis condições financeiras.

Não se desistirá, finalmente, de diligenciar no sentido de ser adquirida pelo Município a vasta área abrangida pela zona florestal de S. Jacinto, a proporcionar, num futuro que há-de ser próximo, um adequado aproveitamento urbano-turístico a valorizar sobremaneira uma área do concelho, de que muito ainda há a esperar, pois reúne condições muito próprias para um racional desenvolvimento, e explorar as suas vastas possibilidades como estância de veraneio e turismo.

## SERVIÇO DE FARMÁCIAS

| | |
|---|---|
| Sábado | AVENIDA |
| Domingo | SAÚDE |
| 2.ª feira | OUDINOT |
| 3.ª feira | NETO |
| 4.ª feira | MOURA |
| 5.ª feira | CENTRAL |
| 6.ª feira | MODERNA |

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

## PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi autorizada superiormente a alienação, à Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro, dos terrenos necessários à construção do seu edifício sede, na Rua do Dr. Alberto Souto, desta cidade.

● A Câmara tomou conhecimento do despacho ministerial respeitante à construção da ponte da Dobadoura e da que ligará o Rossio à Rua do Clube dos Galitos.

● Vai ser aberto concurso para provimento de um lugar de Arquitecto de 2.ª classe, dos Serviços Especiais da Câmara, pelo prazo de 20 dias, a contar da data da publicação do respectivo aviso no Diário do Governo.

● Foram apreciados 12 processos de obras, que mereceram os seguintes despachos: 8 deferimentos, 2 indeferimentos e 2 informações.

## REUNIÃO ADMINISTRATIVA

No dia 15 do corrente, pelas 11 horas, no edifício da Câmara Municipal do concelho de Ílhavo, realiza-se a 30.ª reunião dos Presidentes da Junta Distrital e das Câmaras Municipais, promovida pelo Governador Civil do Distrito de Aveiro, sr. Dr. Manuel Ferreira Santos Louzada, na qual, como habitualmente, serão tratados diversos assuntos da administração local e outros de interesse para o distrito.

## TRANSCRIÇÕES

● *República*, na sua secção «Bastidores», dirigida pelo distinto ensaísta Vasco Granja, começou a transcrever, em 25 do mês transacto, o estudo do nosso prezado colaborador Pinto da Costa sobre «Bonnie e Clyde», recentemente dado à estampa na secção «Mesa Redonda» do *Litoral*.

● O mesmo conceituado diário vespertino, em 9 do corrente, transcreveu parte do editorial «Esperança chamada Marcello», que veio a lume no *Litoral* da última semana.

*Gratos pela deferência.*

## «I SEMANA WOOLMARK»

Com assinalável êxito, realizaram-se nesta cidade as anunciadas cerimónias integradas na «I Semana Woolmark», de que daremos o merecido relato no próximo número deste jornal.

## ESCOLA PREPARATÓRIA DE JOÃO AFONSO DE AVEIRO

Vão iniciar-se na segunda-feira, dia 14, as aulas deste estabelecimento de ensino, tendo sido afixadas as pautas e os horários das suas várias turmas, masculinas e femininas.

As oito primeiras turmas de rapazes, instaladas no edifício-sede do Liceu, terão aulas a partir das 8.30 horas; as restantes cinco turmas masculinas iniciam os respectivos trabalhos às 13.30 horas, no mesmo edifício. As turmas femininas (em número de catorze) terão aulas no edifício da Secção Feminina do Liceu a partir das 13.30 horas.

Para a Escola Preparatória de João Afonso de Aveiro encontram-se já nomeados os seguintes professores: Dr.ª Célia Simões de Matos, Directora de Ciclo para a Secção Feminina; Dr. Hermínio José Macedo Pita, do I Grupo; Dr.ª Cecília Marques Maia, do II Grupo; Dr.ª Carminda Martins de Almeida e Fernando da Silva Ferreira Pinto, do IV Grupo; e Eduardo Joaquim Caldeira Parra, de Trabalhos Manuais.



## NOTA INFORMATIVA

Com esta epígrafe e com o pedido de publicação, recebemos, em 2 deste mês, do Presidente da Direcção do Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos do Distrito de Aveiro, o texto seguinte:

Acerca do comentário «Uma evocação uma sugestão» de autoria do senhor Guilherme O. Santos, publicado no n.º 719, de 19 de Agosto passado do LITORAL, entende o Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos do Distrito de Aveiro por conveniente prestar a informação seguinte:

1.º — Só em 1933, através do Decreto-Lei 23 050, de 23 de Setembro, foram estabelecidas as bases da actual organização corporativa;

2.º — Em 1936 foi criado o Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos do Distrito do Porto, que abrangeu desde logo os profissionais do distrito de Aveiro;

3.º — Em 1943, por despacho de 22 de Fevereiro, foi criada a Secção Distrital de Aveiro do Sindicato dos Tipógrafos do Porto, abrangendo os tipógrafos, litógrafos, fotógrafos, etc.;

4.º — Em 1958, por alvará de 4 de Agosto, é criado o Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos do Distrito de Aveiro, que passou a integrar os cartonageiros do distrito, condição base para passar a Sindicato autónomo. Sem esta integração ainda hoje seria o Sindicato do Porto a defender os interesses dos tipógrafos neste distrito, através da sua secção.

Feito este breve comentário, cumpre acrescentar que, e antes de 1936, não conhecemos a existência legal de qualquer outro organismo que detivesse a representação verdadeira dos tipógrafos, sem prejuízo de não se porem em dúvida os esforços de um ou outro elemento mais interessado da profissão no sentido de se constituir um organismo representativo, antes dessa data.

Consequentemente, e ao comemorar um aniversário, só o poderíamos fazer à Secção como primeira forma de organização sindical com vida neste distrito ou ao próprio Sindicato, como aliás o fizemos sem esquecer aquela, dado que só com a criação do Sindicato como organismo autónomo se garantiu o direito de representação.

E daí que uma simples palavra, para mais ou para menos, possa produzir efeitos inerentes que por vagos passam despercebidos.

Isto não obsta porém a que, e se avisados a tempo, tivéssemos tido o prazer de associar ao aniversário da criação do Sindicato qualquer outro relacionado com a organização da profissão e que, pelo seu sentido, fosse de considerar a bem dos mesmos num campo nacional.

No entanto, na missa mandada rezar nesse dia, e a que todos os interessados seria dado assistir, englobámos nas intenções da mesma todos os sócios da organização sindical do distrito já falecidos.

Acerca dos emblemas que se entendeu por bem fazer distribuir como elemento comemorativo, esclarece-se que: 1 — se destinavam os mesmos, no tocante a sócios, apenas aos presentes, e no tocante a ex-dirigentes, aos membros dos primeiros corpos gerentes da Secção, fosse qual fosse a sua actual profissão ou actividade; 2 — da circunstância de não poderem ter sido então distribuídos, em virtude de um lapso da casa fornecedora e que obrigou à sua devolução, foi dado oportuno conhecimento a quem de direito, ou seja, exclusivamente a quem os prometeramos, que bem o compreenderam e que aliás foram já distribuídos.

Quanto aos actuais corpos gerentes deste Sindicato, cumpre esclarecer que a sua posição resulta de eleição em Assembleia Geral dos sócios do Organismo, que é quem entende se devemos ou não ser reeleitos.

Dado que a recolha de alguns elementos se tornou morosa, só agora é possível dar este esclarecimento.

A DIRECÇÃO

## JURAMENTO DE BANDEIRA NA BASE DE S. JACINTO

Em S. Jacinto, na Base Aérea n.º 7, realizou-se, no passado dia 3, a cerimónia do *Juramento de Bandeira* de trinta alunos do Curso P2-68 (sargentos-pilotos-aviadores milicianos).

Presidiu o Director do Serviço de Instrução da Força Aérea, sr. Brigadeiro Ivo Ferreira, tendo assistido o Comandante da Base de S. Jacinto, sr. Tenente-Coronel José Ferreira Valente e outros oficiais.

Proferiu uma alocução o sr. Alferes-piloto-aviador Nelson Rodrigues Rocha, tendo lido a fómula do juramento o sr. Tenente-Coronel Viriato Jorge Marques, 2.º Comandante da Base Aérea n.º 7.

## Cândido Teles

Continuação da última página

SALÃO MILITAR DE CADIS (o pintor é Tenente-Coronel do Estado Maior do Exército Português), réplica, aliás, de igual distinção no mesmo certame de 1967.

Um abraço de felicitações a Cândido Teles.

## RECAPTURA DUM PRESO

A pedido da Prisão-Escola de Leiria, a P. S. P. de Aveiro conseguiu recapturar, no Calão (Esgueira), Fernando Lourenço Dias, de 20 anos, que se evadira daquele estabelecimento prisional onde cumpria pena aplicada pelo Tribunal de Anadia, no dia 23 de Setembro findo.



# Festas de Homenagem

**— AO ENG.º NÓBREGA CANELAS**

Na segunda-feira, o Rotary Clube de Aveiro dedicou a sua habitual reunião, realizada no Restaurante Galo de Ouro, a um ilustre associado e dirigente, em várias gerências — o sr. Eng.º António Sebastião da Nóbrega Canelas, que em breve sairá de Aveiro para ir ocupar o cargo de Director de Urbanização do Distrito de Leiria.

Ao longo dos treze anos da sua permanência nesta cidade, o sr. Eng.º Nóbrega Canelas prestou relevantes serviços, na Repartição Técnica da Câmara Municipal e, ùltimamente, como Adjunto do Director dos Serviços de Urbanização do Distrito de Aveiro.

A reunião teve a presença de muitas senhoras, de rotários de outros clubes e de alguns convidados, entre eles o sr. Eng.º Adolfo da Cunha Amaral, Director de Urbanização de Aveiro e sua esposa. Presidiu o sr. António Leite Pais, que, depois de convidar o sr. Eng.º Nóbrega Canelas para a saudação à Bandeira Nacional, proferiu algumas palavras em que abordou assuntos de interesse rotário.

Em seguida, os srs. Arnaldo Estrela Santos, Eduardo Cerqueira e Eng.º Cunha Amaral falaram sobre o homenageado, relevando as qualidades morais e profissionais que o exornam, e afirmando que o Eng.º Nóbrega Canelas deixará em Aveiro uma lacuna difícil de preencher — tanto pela sua competência, como pela sua vasta cultura, pelas suas qualidades de simpatia humana e pelo seu carácter.

O homenageado, com muito brilho e com emoção que não conseguiu esconder, agradeceu, depois, o preito de despedida dos rotários aveirenses. Recordou a sua permanência nesta cidade, nos vários cargos onde proficientemente exerceu a sua actividade, e afirmou ter construído em Aveiro muitas e indestrutíveis amizades, que saudosamente sempre recordará.

Por último, encerrou a reunião o Presidente do Rotary Clube de Aveiro.

**— AO TENENTE JOAQUIM DUARTE**

Em nova comissão de serviço, segue hoje para a Província de Angola o Tenente Joaquim Nunes Duarte, prestigioso nome ligado ao Desporto Aveirense (quer como atleta de futebol, basquetebol e andebol, quer como abalizado técnico destas últimas modalidades) e colaborador muito dedicado do *Litoral*.

Assinalando a saída para o Ultramar do Tenente Joaquim Duarte, e por iniciativa do Sangalhos Desporto Clube, realizou-se anteontem, num restaurante da Malaposta, um jantar de homenagem, que reuniu a presença de destacados desportistas bairradinos e de amigos pessoais do preiteado.

No momento dos brindes — em que justamente se evidenciaram as qualidades do Tenente Joaquim Duarte e os relevantes serviços prestados ao Sangalhos e em que, igualmente, se focaram problemas de muito interesse para o futuro da prestigiosa colectividade —, usaram da palavra os srs.: Manuel Mendes, Nelson Neves, Manuel Rodrigues da Silva, Fernando Miranda e Dr. Antídio Costa, respectivamente presidentes da Assembleia Geral, da Direcção e do Conselho Fiscal, Vice-Presidente Administrativo, Vice-Presidente das Actividades Desportivas e médico do Sangalhos; António Pinto, Fernando Gradeço (Presidente da Associação de Ciclismo de Aveiro), Nuno Pena, António Augusto Moreira Seabra e Sidónio Sousa; os jornalistas João Sarabando, Daniel Rodrigues e o director da Secção Desportiva do *Litoral*.

Em nome do Sangalhos, o sr. Feliciano Godinho Neves ofereceu uma lembrança ao Tenente Joaquim Duarte, que pronunciou sentidas palavras de agradecimento.

# FRANCISCO DA SILVA ROCHA

Continuação da última página

*a pessoa indicada para lembrar, principalmente aos jovens quem foi a ilustre figura de português e aveirense que tanto prestigiou o nosso País e a terra que lhe serviu de berço. Não faltará, na cidade de Aveiro, quem o possa fazer melhor do que eu. Abundam, no distrito, notáveis figuras das Artes e das Letras que com ele privaram ou o conheceram de perto, que podem falar, com simpatia e justiça, de Silva Rocha, nomes bem conhecidos pelo demonstrado amor à terra natal, notabilizando-a com o fulgor invulgar as suas penas.*

*Falem de Francisco da Silva Rocha; e, se alguns elementos faltarem, peçam à sua extremosa filha, a Ex.ma Senhora Dona Maria Luísa, que oferecerá, com muito gosto para consulta, uma inesgotável fonte de informações através de cartas e de livros de homens célebres que poderão, inclusive, ao ser estudados, contribuir para elucidar a história contemporânea da nossa linda cidade de Aveiro, onde sempre, ou quase sempre, viveu essa excelsa figura de português, de arquitecto, de professor, de pintor — mas, acima de tudo, de Homem de Bem, superior e simples, que sempre soube, com a sua modéstia, provar ao semelhante que a importância dum homem não lhe vem do cargo ou dos cargos que ocupa na sociedade, mas da maneira superior e digna como exerce, justificando, assim, aquelas conhecidas palavras de Pasteur:* É o homem quem honra a profissão e não a profissão que honra o homem.

Porto, 2 de Setembro de 1968

Augusto J. S. Barata da Rocha



# ONTEM & hoje

EM — TALVEZ AMANHÃ — VIR — SABER O QUE É... ONTEM & hoje

# Litoral ANO XV

Continuação da primeira página

laram uma cândida ignorância sobre este **inferno** dos periódicos provincianos; e cada uma os queria **céus** ao peculiar sabor... da sua gula...

O **Litoral** entra, com o presente número, no décimo quinto ano de existência; e, durante os seus quase três lustros de vida, tem consentido em servir os mais variados pratos ao gosto dos mais variados gostos; e isto (o que muitos—santamente ou... avelhacadamente!—fingem ignorar) no infernal condicionalismo de inevitáveis racionamentos, mas sempre deixando as pimentas e colorau às preferências dos colaboradores: cozinha aberta, em suma, **a todos e para todos** — onde até têm sido confeccionadas burundangas e indigestas caldanas... E assim tem cumprido os seus liminares e inalterados propósitos. Tem cumprido... como pode e sabe; e porque pouco sabe e pode muito pouco, o **Litoral** apenas prosseguirá na esperança de maiores possibilidades e na expectativa duma sabedoria... de experiência feita.



## NOVO TEMPLO

Está pràticamente concluída a nova igreja da paróquia de Fátima, que compreende os vizinhos lugares de Mamodeiro e da Póvoa do Valado.

O projecto, da autoria do Arquitecto Luís Cunha, do Porto, apresenta, na sua traça, aspectos inéditos na moderna arquitectura religiosa, facto que justifica a considerável afluência de artistas e curiosos até junto da interessantíssima edificação.

A igreja será benzida amanhã, domingo, pelo sr. D. Manuel de Almeida Trindade, venerando Bispo de Aveiro. As cerimónias iniciam-se às 4 horas da tarde.

## FALECERAM:

**JOÃO DE MORAIS GAMELAS**

Com 83 anos de idade, faleceu, nesta sua terra de Aveiro, o sr. João de Morais Gamelas, que, durante muito tempo, desempenhou zelosamente funções de contínuo no Liceu.

Sucessivas gerações de estudantes habituaram-se a reconhecer-lhe, através da sua aliciante e natural simpatia, uma alma profundamente bondosa e compreensiva.

O sr. João de Morais Gamelas era marido da sr.ª D. Dores da Maia de Morais Gamelas e irmão do sr. Francisco de Morais Gamelas.

**D. JOANA DA GRAÇA GONÇALVES**

Vítima duma trombose, faleceu, na sua casa do Rossio, nesta cidade, ao começo da noite de 2 do corrente, a sr.ª D. Joana da Graça Gonçalves, viúva, há 6 anos, de José Ferreira de Melo, de saudosa memória.

A extinta, que contava 75 anos de idade, gozava, por suas virtudes e qualidades, da estima de quantos a conheciam.

Era mãe do Almoxarife em Aveiro dos C. T. T., sr. Telmo da Graça e Melo e, ainda, dos srs. Artur e João da Graça e Melo; e avó do Capitão-piloto-aviador sr. Jorge de Almeida da Graça e Melo.

**PADRE MANUEL CONDE**

No dia 8 deste mês, faleceu, com 86 anos de idade, o Rev.º Padre Manuel Valente dos Santos Conde.

Sacerdote virtuoso, infatigável trabalhador e dotado de aguda inteligência, paroquiou, durante cerca de meio século, a freguesia de Avanca, da nossa diocese.

Foi Arcipreste de Albergaria-a-Velha; e, em Aveiro, exerceu proficientemente, há muitos anos, o cargo de Secretário do Liceu.

Às famílias em luto, os pêsames do **Litoral**

## AGRADECIMENTO

**Fausto Gomes Patarrana**

A família do saudoso extinto, na impossibilidade de o fazer pessoalmente por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar, pedindo desculpa por qualquer falta involuntàriamente cometida.

## NOVOS ARRASTÕES

● Nos Estaleiros S. Jacinto, foi recentemente concluído o arrastão costeiro de pesca pela popa «Ria-Mar», ali mandado construir pelas «Pescarias Beira-Litoral, S. A. R. L.», desta cidade.

Na cerimónia do *bota-abaixo* da nova unidade, que importou em sete mil contos e está equipada com os mais modernos instrumentos de navegação e apetrechos de pesca, estiveram presentes os srs. Comandante Branco Lopes e Óscar Lopes de Oliveira, da empresa armadora, e Henrique Moutela e João dos Santos, representando a firma construtora.

● Nas oficinas dos Estaleiros S. Jacinto, vai começar a construir-se um arrastão para a pesca do bacalhau. A este barco será dado o nome de «Inácio Coimbra».

## CINEMA — NOTÍCIAS

Como foi oportunamente anunciado, o filme *DOUTOR FAUSTO*, brilhante interpretação de ELIZABETH TAYLOR e RICHARD BURTON só pode ser exibido na sessão da noite do próximo domingo. Para preencher a matinée do Avenida foi escolhido o filme em TECNICOLOR que abriu, em Lisboa, no S. Jorge, o ciclo *«HUMOR EM FESTIVAL»*. Porquê essa escolha? Porque é uma das melhores comédias de sempre: *«ENGANEI-ME NO NÚMERO»* com BOB HOPE e ELKE SOMMER.

No próximo sábado, 19, voltaremos a ver MÚSICA NO CORAÇÃO.

## AGRADECIMENTO

MANUEL MOREIRA DE CASTRO, que já se encontra ao serviço, depois de ter estado doente e retido no leito por algum tempo, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que, durante aquele período, o visitaram ou que, por qualquer forma se interessaram pelo seu estado de saúde, a todos manifestando o seu reconhecimento.

## cartões de visita

*FAZEM ANOS:*

*Hoje, 12* — Os srs. Padre António Augusto de Oliveira, Manuel Reis Baptista, Jofre Almiro Gomes de Moura e António Abílio Dantas Gomes, e o menino Rui Duarte, filho do sr. Duarte Simões da Cunha.

*Amanhã, 13* — A sr.ª D. Alexandrina Morgado Barbosa, esposa do sr. Alberto Ferreira Barbosa, o sr. Manuel Pompeu Figueiredo, os meninos António Augusto, filho do sr. Dr. João Gaioso Henriques, e João Manuel, filho do sr. Amadeu de Lemos Moreira, e a menina Maria de Lourdes, filha do sr. José da Silva Cravo.

*Em 14* — As sr.as D. Júlia Candal, esposa do sr. Dr. Candal, D. Margarida Teles Miranda, esposa do 1.º Sargento sr. Carlos Augusto Pires, e D. Eneida da Silva Sabino, os srs. António da Costa Ferreira e Eng.º Mário Gonçalves da Costa, o menino Jorge Manuel, filho do sr. José Marques Rodrigues da Paula, e as meninas Rosália Pereira de Almeida e Maria de Fátima, filha do 1.º Sargento sr. Manuel Carvalho.

*Em 15* — A sr.ª D. Maria das Dores Moreira da Cunha, esposa do sr. António Joaquim da Cunha, e o sr. D. Domingos de Lemos Manoel (Atalaya).

*Em 16* — A sr.ª D. Delminda da Costa Sarrico Vieira Gamelas, esposa do sr. António Maria Duarte Vieira Gamelas, e os srs. prof. Gelásio Sarabando da Rocha e João Máximo Freitas.

*Em 17* — A sr.ª D. Maria da Apresentação Martins Pereira, o sr. António Ricardo da Silva Pereira e Castro, a menina Maria Benedita, filha do sr. José Vieira da Maia Romão, e o menino José Manuel, filho do sr. Eng.º Alberto Branco Lopes.

*Em 18* — O sr. Joaquim Costa e as meninas Isabel Maria, filha do sr. Ricardo André Ferreira Nunes, e Maria Dora, filha do sr. António das Neves.

MAJOR JOÃO ANTÓNIO FERREIRA FERNANDES

*Foi promovido ao seu actual posto o nosso conterrâneo sr. Major João António Ferreira Fernandes, antigo Comandante da Companhia da G. N. R. desta cidade, que actualmente se encontra em missão de soberania em Timor.*

NOVO AGENTE TÉCNICO

*No Instituto Industrial do Porto, terminou o seu curso de Agente Técnico de Engenharia Electromecânica o aveirense sr. Manuel Candeias Vieira Valentim, filho do sr. Capitão Jaime Vieira Valentim.*

## Cartaz dos Espectáculos

CINE-TEATRO AVENIDA

*Sábado, 12* (à tarde e à noite) — O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA, com Gary Grant e Deborah Kerr.
Para maiores de 17 anos.

*Domingo, 13* (à tarde e à noite) — DOUTOR FAUSTO, com Richard Burton e Elizabeth Taylor.
Para maiores de 17 anos.

*Quinta-feira, 17* (à noite) — MATT HELM NÃO PERDOA..., com Camilla Sparv, James Gregory e Beverly Adams.
Para maiores de 17 anos.

## Tribunal Judicial da Comarca de Anadia

**ANÚNCIO**

1.ª Publicação

Pela 1.ª secção do 2.º Juízo desta comarca e nos autos de habilitação de cessionários requeridos por João Agostinho, também conhecido por João Agostinho Portugal, e mulher, Maria do Rosário de Almeida Rato, ele comerciante e ela doméstica, residentes em Costa Nova, e Beatriz de Oliveira Bichão, separada judicialmente de bens, doméstica, também moradora em Costa Nova, contra João Agostinho da Costa, casado, com a última residência conhecida em Carregal — Requeixo, desta comarca, actualmente ausente em parte incerta do Brasil, e outros, é, por este meio, citado aquele João Agostinho da Costa para, no prazo de oito dias, que começa a ser contado decorridos que sejam trinta dias da dilação fixada, esta com início na data da publicação do segundo e último anúncio, contestar, querendo, a aludida habilitação, deduzida pelos mencionados requerentes, pela qual se colocados na posição do citando e de sua mulher, Lúcia Ferreira Eugénio, na sua qualidade de interessados herdeiros, na herança do inventariado António Agostinho Portugal, que foi da Costa Nova, nos autos de inventário facultativo a que se procede por óbito deste e de Beatriz Clara, de que a habilitação acima referida é apenso.

Aveiro, 8 de Outubro de 1968

O Juiz de Direito do 2.º Juízo,
*ABEL PEREIRA DELGADO*

O Escrivão de Direito,
*LUIS HENRIQUE FERREIRA*

Litoral — Ano XV — 12-10-68 — N.º 727

## Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

**ANÚNCIO**

1.ª Publicação

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo deste Tribunal, e nos autos de Habilitação de Cessionário requeridos por Lucinda Clara Agostinho Portugal, doméstica, e marido, Francisco Morais, comerciante, residentes em Costa Nova do Prado, desta comarca, contra João Agostinho da Costa, casado, com a última residência conhecida em Carregal — Requeixo, desta comarca, actualmente ausente em parte incerta do Brasil, e outros, por apenso aos autos de inventário facultativo a que se procede por óbito de António Agostinho Portugal e mulher, Beatriz Clara, que foram da Costa Nova do Prado, fica, por este meio, citado o referido João Agostinho da Costa, para, no prazo de oito dias, contado decorridos que sejam trinta dias da dilação fixada, esta contada após a segunda e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, a habilitação aludida, deduzida pelos referidos requerentes Lucinda Clara Agostinho Portugal e marido, pela qual os mesmos pretendem ser colocados na posição do citando, na sua qualidade de interessado herdeiro na herança do inventariado António Agostinho Portugal no inventário acima identificado.

Aveiro, 3 de Outubro de 1968

O Juiz de Direito,
*ABEL PEREIRA DELGADO*

O Escrivão de Direito,
*LUIS HENRIQUE FERREIRA*

Litoral — Ano XV — 12-10-68 — N.º 727

## SERVIÇO DE FARMÁCIAS

| | |
|---|---|
| Sábado . . . . . | AVENIDA |
| Domingo . . . . | SAÚDE |
| 2.ª feira . . . . | OUDINOT |
| 3.ª feira . . . . | NETO |
| 4.ª feira . . . . | MOURA |
| 5.ª feira . . . . | CENTRAL |
| 6.ª feira . . . . | MODERNA |

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

# A CIDADE

## PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi autorizada superiormente a alienação, à Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro, dos terrenos necessários à construção do seu edifício sede, na Rua do Dr. Alberto Souto, desta cidade.

● A Câmara tomou conhecimento do despacho ministerial respeitante à construção da ponte da Dobadoura e da que ligará o Rossio à Rua do Clube dos Galitos.

● Vai ser aberto concurso para provimento de um lugar de Arquitecto de 2.ª classe, dos Serviços Especiais da Câmara, pelo prazo de 20 dias, a contar da data da publicação do respectivo aviso no Diário do Governo.

● Foram apreciados 12 processos de obras, que mereceram os seguintes despachos: 8 deferimentos, 2 indeferimentos e 2 informações.

## REUNIÃO ADMINISTRATIVA

No dia 15 do corrente, pelas 11 horas, no edifício da Câmara Municipal do concelho de Ílhavo, realiza-se a 30.ª reunião dos Presidentes da Junta Distrital e das Câmaras Municipais, promovida pelo Governador Civil do Distrito de Aveiro, sr. Dr. Manuel Ferreira Santos Louzada, na qual, como habitualmente, serão tratados diversos assuntos da administração local e outros de interesse para o distrito.

## TRANSCRIÇÕES

● *República,* na sua secção «Bastidores», dirigida pelo distinto ensaísta Vasco Granja, começou a transcrever, em 25 do mês transacto, o estudo do nosso prezado colaborador Pinto da Costa sobre «Bonnie e Clyde», recentemente dado à estampa na secção «Mesa Redonda» do *Litoral.*

● O mesmo conceituado diário vespertino, em 9 do corrente, transcreveu parte do editorial «Esperança chamada Marcello», que veio a lume no *Litoral* da última semana.

*Gratos pela deferência.*

## «I SEMANA WOOLMARK»

Com assinalável êxito, realizaram-se nesta cidade as anunciadas cerimónias integradas na «I Semana Woolmark», de que daremos o merecido relato no próximo número deste jornal.

## ESCOLA PREPARATÓRIA DE JOÃO AFONSO DE AVEIRO

Vão iniciar-se na segunda-feira, dia 14, as aulas deste estabelecimento de ensino, tendo sido afixadas as pautas e os horários das suas várias turmas, masculinas e femininas.

As oito primeiras turmas de rapazes, instaladas no edifício-sede do Liceu, terão aulas a partir das 8.30 horas; as restantes cinco turmas masculinas iniciam os respectivos trabalhos às 13.30 horas, no mesmo edifício. As turmas femininas (em número de catorze) terão aulas no edifício da Secção Feminina do Liceu a partir das 13.30 horas.

Para a Escola Preparatória de João Afonso de Aveiro encontram-se já nomeados os seguintes professores: Dr.ª Célia Simões de Matos, Directora de Ciclo para a Secção Feminina; Dr. Hermínio José Macedo Pita, do I Grupo; Dr.ª Cecília Marques Maia, do II Grupo; Dr.ª Carminda Martins de Almeida e Fernando da Silva Ferreira Pinto, do IV Grupo; e Eduardo Joaquim Caldeira Parra, de Trabalhos Manuais.



## NOTA INFORMATIVA

Com esta epígrafe e com o pedido de publicação, recebemos, em 2 deste mês, do Presidente da Direcção do Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos do Distrito de Aveiro, o texto seguinte:

Acerca do comentário «Uma evocação uma sugestão» de autoria do senhor Guilherme O. Santos, publicado no n.º 719, de 19 de Agosto passado do LITORAL, entende o Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos do Distrito de Aveiro por conveniente prestar a informação seguinte:

1.º — Só em 1933, através do Decreto-Lei 23 050, de 23 de Setembro, foram estabelecidas as bases da actual organização corporativa;

2.º — Em 1936 foi criado o Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos do Distrito do Porto, que abrangeu desde logo os profissionais do distrito de Aveiro;

3.º — Em 1943, por despacho de 22 de Fevereiro, foi criada a Secção Distrital de Aveiro do Sindicato dos Tipógrafos do Porto, abrangendo os tipógrafos, litógrafos, fotógrafos, etc.;

4.º — Em 1958, por alvará de 4 de Agosto, é criado o Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos do Distrito de Aveiro, que passou a integrar os cartonageiros do distrito, condição base para passar a Sindicato autónomo. Sem esta integração ainda hoje seria o Sindicato do Porto a defender os interesses dos tipógrafos neste distrito, através da sua secção.

Feito este breve comentário, cumpre acrescentar que, e antes de 1936, não conhecemos a existência legal de qualquer outro organismo que detivesse a representação verdadeira dos tipógrafos, sem prejuízo de não se porem em dúvida os esforços de um ou outro elemento mais interessado da profissão no sentido de se constituir um organismo representativo, antes dessa data.

Consequentemente, e ao comemorar um aniversário, só o poderíamos fazer à Secção como primeira forma de organização sindical com vida neste distrito ou ao próprio Sindicato, como aliás o fizemos sem esquecer aquela, dado que só com a criação do Sindicato como organismo autónomo se garantiu o direito de representação.

E daí que uma simples palavra, para mais ou para menos, possa produzir efeitos inerentes que por vagos passam despercebidos.

Isto não obsta porém a que, e se avisados a tempo, tivessemos tido o prazer de associar ao aniversário da criação do Sindicato qualquer outro relacionado com a organização da profissão e que, pelo seu sentido, fosse de considerar a bem dos mesmos num campo nacional.

No entanto, na missa mandada rezar nesse dia, e a que todos os interessados seria dado assistir, englobámos nas intenções da mesma todos os sócios da organização sindical do distrito já falecidos.

Acerca dos emblemas que se entendeu por bem fazer distribuir como elemento comemorativo, esclarece-se que: 1 — se destinavam os mesmos, no tocante a sócios, apenas aos presentes, e no tocante a ex-dirigentes, aos membros dos primeiros corpos gerentes da Secção, fosse qual fosse a sua actual profissão ou actividade; 2 — da circunstância de não poderem ter sido então distribuídos, em virtude de um lapso da casa fornecedora e que obrigou à sua devolução, foi dado oportuno conhecimento a quem de direito, ou seja, exclusivamente a quem os prometeramos, que bem o compreenderam e que aliás foram já distribuídos.

Quanto aos actuais corpos gerentes deste Sindicato, cumpre esclarecer que a sua posição resulta de eleição em Assembleia Geral dos sócios do Organismo, que é quem entende se devemos ou não ser reeleitos.

Dado que a recolha de alguns elementos se tornou morosa, só agora é possível dar este esclarecimento.

A DIRECÇÃO

## JURAMENTO DE BANDEIRA NA BASE DE S. JACINTO

Em S. Jacinto, na Base Aérea n.º 7, realizou-se, no passado dia 3, a cerimónia do *Juramento de Bandeira* de trinta alunos do Curso P2-68 (sargentos-pilotos-aviadores milicianos).

Presidiu o Director do Serviço de Instrução da Força Aérea, sr. Brigadeiro Ivo Ferreira, tendo assistido o Comandante da Base de S. Jacinto, sr. Tenente-Coronel José Ferreira Valente e outros oficiais.

Proferiu uma alocução o sr. Alferes-piloto-aviador Nelson Rodrigues Rocha, tendo lido a fómula do juramento o sr. Tenente-Coronel Viriato Jorge Marques, 2.º Comandante da Base Aérea n.º 7.

# Cândido Teles

Continuação da última página

SALÃO MILITAR DE CÁDIS (o pintor é Tenente-Coronel do Estado Maior do Exército Português), réplica, aliás, de igual distinção no mesmo certame de 1967.

Um abraço de felicitações a Cândido Teles.

## RECAPTURA DUM PRESO

A pedido da Prisão-Escola de Leiria, a P. S. P. de Aveiro conseguiu recapturar, no Caião (Esgueira), Fernando Lourenço Dias, de 20 anos, que se evadira daquele estabelecimento prisional onde cumpria pena aplicada pelo Tribunal de Anadia, no dia 23 de Setembro findo.



# FRANCISCO DA SILVA ROCHA

Continuação da última página

*a pessoa indicada para lembrar, principalmente aos jovens quem foi a ilustre figura de português e aveirense que tanto prestigiou o nosso País e a terra que lhe serviu de berço. Não faltará, na cidade de Aveiro, quem o possa fazer melhor do que eu. Abundam, no distrito, notáveis figuras das Artes e das Letras que com ele privaram ou o conheceram de perto, que podem falar, com simpatia e justiça, de Silva Rocha, nomes bem conhecidos pelo demonstrado amor à terra natal, notabilizando-a com o fulgor invulgar as suas penas.*

*Falem de Francisco da Silva Rocha; e, se alguns elementos faltarem, peçam à sua extremosa filha, a Ex.ma Senhora Dona Maria Luísa, que oferecerá, com muito gosto para consulta, uma inesgotável fonte de informações através de cartas e de livros de homens célebres que poderão, inclusive, ao ser estudados, contribuir para elucidar a história contemporânea da nossa linda cidade de Aveiro, onde sempre, ou quase sempre, viveu essa excelsa figura de português, de arquitecto, de professor, de pintor — mas, acima de tudo, de Homem de Bem, superior e simples, que sempre soube, com a sua modéstia, provar ao semelhante que a importância dum homem não lhe vem do cargo ou dos cargos que ocupa na sociedade, mas da maneira superior e digna como exerce, justificando, assim, aquelas conhecidas palavras de Pasteur:* É o homem quem honra a profissão e não a profissão que honra o homem.

Porto, 2 de Setembro de 1968

Augusto J. S. Barata da Rocha

# Festas de Homenagem

### — AO ENG.º NÓBREGA CANELAS

Na segunda-feira, o Rotary Clube de Aveiro dedicou a sua habitual reunião, realizada no Restaurante Galo de Ouro, a um ilustre associado e dirigente, em várias gerências — o sr. Eng.º António Sebastião da Nóbrega Canelas, que em breve sairá de Aveiro para ir ocupar o cargo de Director de Urbanização do Distrito de Leiria.

Ao longo dos treze anos da sua permanência nesta cidade, o sr. Eng.º Nóbrega Canelas prestou relevantes serviços, na Repartição Técnica da Câmara Municipal e, ùltimamente, como Adjunto do Director dos Serviços de Urbanização do Distrito de Aveiro.

A reunião teve a presença de muitas senhoras, de rotários de outros clubes e de alguns convidados, entre eles o sr. Eng.º Adolfo da Cunha Amaral, Director de Urbanização de Aveiro e sua esposa. Presidiu o sr. António Leite Pais, que, depois de convidar o sr. Eng.º Nóbrega Canelas para a saudação à Bandeira Nacional, proferiu algumas palavras em que abordou assuntos de interesse rotário.

Em seguida, os srs. Arnaldo Estrela Santos, Eduardo Cerqueira e Eng.º Cunha Amaral falaram sobre o homenageado, relevando as qualidades morais e profissionais que o exornam, e afirmando que o Eng.º Nóbrega Canelas deixará em Aveiro uma lacuna difícil de preencher — tanto pela sua competência, como pela sua vasta cultura, pelas suas qualidades de simpatia humana e pelo seu carácter.

O homenageado, com muito brilho e com emoção que não conseguiu esconder, agradeceu, depois, o preito de despedida dos rotários aveirenses. Recordou a sua permanência nesta cidade, nos vários cargos onde proficientemente exerceu a sua actividade, e afirmou ter construído em Aveiro muitas e indestrutíveis amizades, que saudosamente sempre recordará.

Por último, encerrou a reunião o Presidente do Rotary Clube de Aveiro.

### — AO TENENTE JOAQUIM DUARTE

Em nova comissão de serviço, segue hoje para a Província de Angola o Tenente Joaquim Nunes Duarte, prestigioso nome ligado ao Desporto Aveirense (quer como atleta de futebol, basquetebol e andebol, quer como abalizado técnico destas últimas modalidades) e colaborador muito dedicado do *Litoral.*

Assinalando a saída para o Ultramar do Tenente Joaquim Duarte, e por iniciativa do Sangalhos Desporto Clube, realizou-se anteontem, num restaurante da Mala-posta, um jantar de homenagem, que reuniu a presença de destacados desportistas bairradinos e de amigos pessoais do preiteado.

No momento dos brindes — em que justamente se evidenciaram as qualidades do Tenente Joaquim Duarte e os relevantes serviços prestados ao Sangalhos e em que, igualmente, se focaram problemas de muito interesse para o futuro da prestigiosa colectividade —, usaram da palavra os srs.: Manuel Mendes, Nelson Neves, Manuel Rodrigues da Silva, Fernando Miranda e Dr. Antídio Costa, respectivamente presidentes da Assembleia Geral, da Direcção e do Conselho Fiscal, Vice-Presidente Administrativo, Vice-Presidente das Actividades Desportivas e médico do Sangalhos; António Pinto, Fernando Gradeço (Presidente da Associação de Ciclismo de Aveiro), Nuno Pena, António Augusto Moreira Seabra e Sidónio Sousa; os jornalistas João Sarabando, Daniel Rodrigues e o director da Secção Desportiva do *Litoral.*

Em nome do Sangalhos, o sr. Feliciano Godinho Neves ofereceu uma lembrança ao Tenente Joaquem Duarte, que pronunciou sentidas palavras de agradecimento.



# ONTEM & hoje

EM — TALVEZ AMANHÃ —

VIR SABER O QUE É...

ONTEM & hoje



# Litoral

## ANO XV

Continuação da primeira página

laram uma cândida ignorância sobre este **inferno** dos periódicos provincianos; e cada uma os queria **céus** ao peculiar sabor... da sua gula...

O **Litoral** entra, com o presente número, no décimo quinto ano de existência; e, durante os seus quase três lustros de vida, tem consentido em servir os mais variados pratos ao gosto dos mais variados gostos; e isto (o que muitos—santamente ou... avelhacadamente! — fingem ignorar) no infernal condicionalismo de inevitáveis racionamentos, mas sempre deixando as pimentas e colorais às preferências dos colaboradores: cozinha aberta, em suma, **a todos e para todos** — onde até têm sido confeccionadas burundangas e indigestas caldanas... E assim tem cumprido os seus liminares e inalterados propósitos. Tem cumprido... como pode e sabe; e porque pouco sabe e pode muito pouco, o **Litoral** apenas prosseguirá na esperança de maiores possibilidades e na expectativa duma sabedoria... de experiência feita.

## NOVOS ARRASTÕES

● Nos Estaleiros S. Jacinto, foi recentemente concluído o arrastão costeiro de pesca pela popa «Ria-Mar», ali mandado construir pelas «Pescarias Beira-Litoral, S. A. R. L.», desta cidade.

Na cerimónia do *bota-abaixo* da nova unidade, que importou em sete mil contos e está equipada com os mais modernos instrumentos de navegação e apetrechos de pesca, estiveram presentes os srs. Comandante Branco Lopes e Óscar Lopes de Oliveira, da empresa armadora, e Henrique Moutela e João dos Santos, representando a firma construtora.

● Nas carreiras dos Estaleiros S. Jacinto, vai começar a construir-se um arrastão para a pesca do bacalhau. A este barco será dado o nome de «Inácio Coimbra».

## NOVO TEMPLO

Está pràticamente concluída a nova igreja da paróquia de Fátima, que compreende os vizinhos lugares de Mamodeiro e da Póvoa do Valado.

O projecto, da autoria do Arquitecto Luís Cunha, do Porto, apresenta, na sua traça, aspectos inéditos na moderna arquitectura religiosa, facto que justifica a considerável afluência de artistas e curiosos até junto da interessantíssima edificação.

A igreja será benzida amanhã, domingo, pelo sr. D. Manuel de Almeida Trindade, venerando Bispo de Aveiro. As cerimónias iniciam-se às 4 horas da tarde.

## FALECERAM:

### JOÃO DE MORAIS GAMELAS

Com 83 anos de idade, faleceu, nesta sua terra de Aveiro, o sr. João de Morais Gamelas, que, durante muito tempo, desempenhou zelosamente funções de contínuo no Liceu.

Sucessivas gerações de estudantes habituaram-se a reconhecer-lhe, através da sua aliciante e natural simpatia, uma alma profundamente bondosa e compreensiva.

O sr. João de Morais Gamelas era marido da sr.ª D. Dores da Maia de Morais Gamelas e irmão do sr. Francisco de Morais Gamelas.

### D. JOANA DA GRAÇA GONÇALVES

Vítima duma trombose, faleceu, na sua casa do Rossio, nesta cidade, ao começo da noite de 2 do corrente, a sr.ª D. Joana da Graça Gonçalves, viúva, há 6 anos, de José Ferreira de Melo, de saudosa memória.

A extinta, que contava 75 anos de idade, gozava, por suas virtudes e qualidades, da estima de quantos a conheciam.

Era mãe do Almoxarife em Aveiro dos C. T. T., sr. Telmo da Graça e Melo e, ainda, dos srs. Artur e João da Graça e Melo; e avó do Capitão-piloto-aviador sr. Jorge de Almeida da Graça e Melo.

### PADRE MANUEL CONDE

No dia 8 deste mês, faleceu, com 86 anos de idade, o Rev.º Padre Manuel Valente dos Santos Conde.

Sacerdote virtuoso, infatigável trabalhador e dotado de aguda inteligência, paroquiou, durante cerca de meio século, a freguesia de Avanca, da nossa diocese.

Foi Arcipreste de Albergaria-a-Velha; e, em Aveiro, exerceu proficientemente, há muitos anos, o cargo de Secretário do Liceu.

Às famílias em luto, os pêsames do **Litoral**

## AGRADECIMENTO

### Fausto Gomes Patarrana

A família do saudoso extinto, na impossibilidade de o fazer pessoalmente por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar, pedindo desculpa por qualquer falta involuntàriamente cometida.

## Cartaz dos Espectáculos

### CINE-TEATRO AVENIDA

*Sábado, 12* (à tarde e à noite) — O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA, com Gary Grant e Deborah Kerr.

Para maiores de 17 anos.

*Domingo, 13* (à tarde e à noite) — DOUTOR FAUSTO, com Richard Burton e Elizabeth Taylor.

Para maiores de 17 anos.

*Quinta-feira,* 17 (à noite) — MATT HELM NÃO PERDOA..., com Camilla Sparv, James Gregory e Beverly Adams.

Para maiores de 17 anos.



## CINEMA — NOTÍCIAS

Como foi oportunamente anunciado, o filme *DOUTOR FAUSTO,* brilhante interpretação de ELIZABETH TAYLOR e RICHARD BURTON só pode ser exibido na sessão da noite do próximo domingo. Para preencher a matinée do Avenida foi escolhido o filme em TECNICOLOR que abriu, em Lisboa, no S. Jorge, o ciclo *«HUMOR EM FESTIVAL».* Porquê essa escolha? Porque é uma das melhores comédias de sempre: *«ENGANEI-ME NO NÚMERO»* com BOB HOPE e ELKE SOMMER.

No próximo sábado, 19, voltaremos a ver MÚSICA NO CORAÇÃO.

## AGRADECIMENTO

MANUEL MOREIRA DE CASTRO, que já se encontra ao serviço, depois de ter estado doente e retido no leito por algum tempo, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que, durante aquele período, o visitaram ou que, por qualquer forma se interessaram pelo seu estado de saúde, a todos manifestando o seu reconhecimento.

## cartões de visita

*FAZEM ANOS:*

*Hoje, 12* — Os srs. Padre António Augusto de Oliveira, Manuel Reis Baptista, Jofre Almiro Gomes de Moura e António Abílio Dantas Gomes, e o menino Rui Duarte, filho do sr. Duarte Simões da Cunha.

*Amanhã, 13* — A sr.ª D. Alexandrina Morgado Barbosa, esposa do sr. Alberto Ferreira Barbosa, o sr. Manuel Pompeu Figueiredo, os meninos António Augusto, filho do sr. Dr. João Gaioso Henriques, e João Manuel, filho do sr. Amadeu de Lemos Moreira, e a menina Maria de Lourdes, filha do sr. José da Silva Cravo.

*Em 14* — As sr.as D. Júlia Candal, esposa do sr. Dr. Candal, D. Margarida Teles Miranda, esposa do 1.º Sargento sr. Carlos Augusto Pires, e D. Eneida da Silva Sabino, os srs. António da Costa Ferreira e Eng.º Mário Gonçalves da Costa, o menino Jorge Manuel, filho do sr. José Marques Rodrigues da Paula, e as meninas Rosália Pereira de Almeida e Maria de Fátima, filha do 1.º Sargento sr. Manuel Carvalho.

*Em 15* — A sr.ª D. Maria das Dores Moreira da Cunha, esposa do sr. António Joaquim da Cunha, e o sr. D. Domingos de Lemos Manoel (Atalaya).

*Em 16* — A sr.ª D. Delminda da Costa Sarrico Vieira Gamelas, esposa do sr. António Maria Duarte Vieira Gamelas, e os srs. prof. Gelásio Sarabando da Rocha e João Máximo Freitas.

*Em 17* — A sr.ª D. Maria da Apresentação Martins Pereira, o sr. António Ricardo da Silva Pereira e Castro, a menina Maria Benedita, filha do sr. José Vieira da Maia Romão, e o menino José Manuel, filho do sr. Eng.º Alberto Branco Lopes.

*Em 18* — O sr. Joaquim Costa e as meninas Isabel Maria, filha do sr. Ricardo André Ferreira Nunes, e Maria Dora, filha do sr. António das Neves.

MAJOR JOÃO ANTÓNIO FERREIRA FERNANDES

*Foi promovido ao seu actual posto o nosso conterrâneo sr. Major João António Ferreira Fernandes, antigo Comandante da Companhia da G. N. R. desta cidade, que actualmente se encontra em missão de soberania em Timor.*

NOVO AGENTE TÉCNICO

*No Instituto Industrial do Porto, terminou o seu curso de Agente Técnico de Engenharia Electromecânica o aveirense sr. Manuel Candeias Vieira Valentim, filho do sr. Capitão Jaime Vieira Valentim.*



## Tribunal Judicial da Comarca de Anadia

### ANÚNCIO

1.ª Publicação

Pela 1.ª secção do 2.º Juízo desta comarca e nos autos de habilitação de cessionários requeridos por João Agostinho, também conhecido por João Agostinho Portugal, e mulher, Maria do Rosário de Almeida Rato, ele comerciante e ela doméstica, residentes em Costa Nova, e Beatriz de Oliveira Bichão, separada judicialmente de bens, doméstica, também moradora em Costa Nova, contra João Agostinho da Costa, casado, com a última residência conhecida em Carregal — Requeixo, desta comarca, actualmente ausente em parte incerta do Brasil, e outros, é, por este meio, citado aquele João Agostinho da Costa para, no prazo de oito dias, que começa a ser contado decorridos que sejam trinta dias da dilação fixada, esta com início na data da publicação do segundo e último anúncio, contestar, querendo, a aludida habilitação, deduzida pelos mencionados requerentes, pela qual os mesmos pretendem ser colocados na posição do citando e de sua mulher, Lúcia Ferreira Eugénio, na sua qualidade de interessados herdeiros, na herança do inventariado António Agostinho Portugal, que foi da Costa Nova, nos autos de inventário facultativo a que se procede por óbito deste e de Beatriz Clara, de que a habilitação acima referida é apenso.

Aveiro, 8 de Outubro de 1968

O Juiz de Direito do 2.º Juízo,

*ABEL PEREIRA DELGADO*

O Escrivão de Direito,

*LUIS HENRIQUE FERREIRA*

Litoral — Ano XV — 12-10-68 — N.º 727

## Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

### ANÚNCIO

1.ª Publicação

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo deste Tribunal, e nos autos de Habilitação de Cessionário requeridos por Lucinda Clara Agostinho Portugal, doméstica, e marido, Francisco Morais, comerciante, residentes em Costa Nova do Prado, desta comarca, contra João Agostinho da Costa, casado, com a última residência conhecida em Carregal — Requeixo, desta comarca, actualmente ausente em parte incerta do Brasil, e outros, por apenso aos autos de inventário facultativo a que se procede por óbito de António Agostinho Portugal e mulher, Beatriz Clara, que foram da Costa Nova do Prado, fica, por este meio, citado o referido João Agostinho da Costa, para no prazo de oito dias, contado decorridos que sejam trinta dias da dilação fixada, esta contada após a segunda e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, a habilitação aludida, deduzida pelos referidos requerentes Lucinda Clara Agostinho Portugal e marido, pela qual os mesmos pretendem ser colocados na posição do citando, na sua qualidade de interessado herdeiro na herança do inventariado António Agostinho Portugal no inventário acima identificado.

Aveiro, 3 de Outubro de 1968

O Juiz de Direito,

*ABEL PEREIRA DELGADO*

O Escrivão de Direito,

*LUIS HENRIQUE FERREIRA*

Litoral — Ano XV — 12-10-68 — N.º 727

# Teatro Necessário e Necessidade de Teatro

Continuação da primeira págins

*HORA H de defraldarmos a nossa bandeira da renovação e progresso total! Uma vez mais (e quase sem dar por isso) me ocorre o facto de que, para podermos andar, para termos possibilidade de iniciarmos essa nova fase a que eu chamo de «conjugação de esforços entre o público e o teatro, de aproximação e mentalização para um teatro melhor», dizia eu, me ocorre o facto da necessidade premente do celebérrimo teatro de bolso! Sim, porque, para além de todas as vantagens técnicas e materiais, o teatro de bolso seria como um símbolo ideológico para a missão que queremos cumprir. Além disso, nós sabemos que a evolução do teatro atingiu as casas de espectáculo na sua estrutura básica de construção e que a sua adaptação ao género de teatro que lá se faz é um facto palpável e bem visível.*

*Como eu inicialmente preveni, há certos pontos aqui focados que talvez não estejam dentro daquilo que o título que escolhi possa sugerir. Mas estes problemas sobre teatro têm todos, directa ou indirectamente, ligação uns com os outros; quase sem querer, e ao levantar uns, vêm outros e outros agarrados!*

*Talvez seja um pouco deslocado focar as dificuldades tremendas que os grupos amadores têm em obter peças que, dentro do seu programa estabelecido, possam adaptar-se às suas possibilidades humanas e técnicas e cujos problemas possam ser resolvidos a contento. Para além disto tudo, existem ainda factores indirectamente ligados ao teatro-arte que provocam a estagnação e desorientação nestas colectividades que, acima de qualquer propósito, pretendem firmar-se dignamente como mentores (despretensiosos) de cultura e arte. Mas não posso permitir-me, digamos, divagações desta ordem. Regressemos! TEATRO NECESSÁRIO! Sim, uma necessidade que NÓS temos de impor aos outros. Criar essa necessidade, ampliá-la e solidificá-la, é triunfar em toda a linha! Obrigar o público a precisar de teatro!*

*Eu próprio tenho confessado a mim mesmo que, contemporizar com o público, por vezes, é extremamente perigoso, despersonaliza e pode até criar vícios que podem ser fatais à estrutura da obra que pretendemos realizar. Mas eu julgo que estou a ser explícito: Ajudar o público, empurrá-lo suavemente (mas com firmeza) para o nosso objectivo, não é contemporizar. Significa consciência e noção das responsabilidades, espírito bem aberto e, de certo modo, astúcia e agudeza de raciocínio.*

*Há casos concretos de grupos de amadores que, no início das suas actividades teatrais e levados por entusiasmo transbordante e pernicioso de fazer arte pela arte, pela euforia de realizar, construir, surpreender, apresentaram peças de teatro moderno (temas de teatro intelectualmente evoluído) a plateias sem qualquer preparação para o receber. Resultado: absolutamente negativo. E não digo negativo referindo-me ao espectáculo em si, mas sim às consequências futuras que daí advieram. O público fugiu, assustado, e 70 % (ou mais) da finalidade esvaiu-se por precipitação e entusiasmo inexperiente. Depois, a recuperação desse público, mesmo pelos moldes que eu defendo com calor, torna-se morosa, difícil e cravejada de sacrifícios. Por vezes surgem obras de vanguarda que, por fenómenos muito interessantes e motivos muito especiais, resultam junto de camadas sociais de nível muito inferior ao que vulgarmente chamamos de médio.*

*Vejamos o caso da celebrada e tão discutida peça, de Samuel Becket, «À Espera de Godot», que, apresentada em sessão privada aos reclusos de uma das mais célebres penitenciárias dos Estados Unidos (na sua maior parte homens condenados a penas maiores e até à pena capital) se tornou num autêntico êxito, comprovado por rigoroso e honesto inquérito feito pelos responsáveis do espectáculo junto desses homens. E o mais desconcertante (e de certo modo comovente), e que verificaram com intensa surpresa, é que todos eles tinham metido no espírito e seguido com agudeza de raciocínio a linha total da obra de Becket! E compreendido o seu alcance! Como teria sido possível acontecer que, uma peça que tinha falhado junto das melhores (?) plateias da Europa e dos Estados Unidos tivesse aquela aceitação (pura e simples) junto de homens à margem da sociedade, corruptos e assassinos?*

*O fenómeno explica-se e, embora parecendo que não, vem defender a tese que tenho vindo a sustentar. Vejamos: «À Espera de Godot», considerado mundialmente uma obra-prima no género de teatro de vanguarda, literalmente aceite e compreendida por um público sem qualquer preparação teatral ou intelectual?! A obra deste grande dramaturgo irlandês entrou e foi assimilada porque o tema básico da peça lhes dizia respeito, lhes falava de algo das suas próprias vidas, da sua situação presente. E, então, tudo aquilo que constituía uma barreira para quem não estava preparado para receber uma obra destas se esfumou, empurrada por uma total entrada no espírito da peça, no reagir das personagens e no seu conteúdo moral e social. Então, sùbitamente, um texto que se considera de antemão difícil e para o qual se necessita de uma capacidade, tronsformou-se para aqueles homens em TEATRO NECESSÁRIO, porque lhes dizia muito das suas próprias vidas, porque os fez vibrar, porque lhes mostrou muitos dos seus problemas e incapacidades. O próprio local — severo, fechado e rigorosamente disciplinado — impunha concentração de espírito, um estado de alma que ajudava a preparar a recepção para a obra de Becket. Foi TEATRO NECESSÁRIO que os reclusos viram, porque ele foi algo que os fez pensar e sofrer, que lhes mostrou e dissecou aspectos da sua vida completamente falhada, que os interessou, que os fez discutir e procurar soluções.*

*Prova-se com tudo isto que o TEATRO NECESSÁRIO não tem — nem pode ter! — um tipo definido. É apenas aquele que... se torna preciso, seja em que circunstâncias for.*

*Para isso, continuo a insistir, desculpem, nós cá estamos para o tornar indispensável, para o enraizar, para mentalizar e habituar a recorrer ao teatro.*

*Nunca poderei afirmar que termino! Por duas razões: 1.ª — Porque o assunto é inesgotável e extremamente discutível; 2.ª — Porque eu próprio não considero estas minhas apreciações e opiniões completas, exprimindo tudo o que vejo e sinto a respeito do TEATRO NECESSÁRIO. Direi apenas. Por agora fico por aqui! Mas, ao fazê-lo, estarei — a título paradoxal, talvez — e instintivamente, a considerar a minha análise incompleta, apesar de ter afirmado ir tentar explanar todo o meu ponto de vista sobre TEATRO NECESSÁRIO E NECESSIDADE DE TEATRO.*

*Fecho, como comecei, servindo-me de outro grande nome do teatro, um génio no chamado teatro de vanguarda, no teatro de espírito e alma, um homem que foi também um pária da sociedade: Jean Genet! É dele a passagem que abaixo transcrevo, extraída da sua obra «Journal du Voleur» (Diário de um ladrão):*

> *«...Stilitano estava só! Todos haviam conseguido sair menos ele. E estranhamente o universo velou-se para mim. A sombra que repentinamente caíu sobre as coisas e as gentes era a sombra da minha solidão confortada com esse desespero, pois já incapaz de gritar ou de se atirar contra as paredes de vidro, já resignado a ser o objecto de escárnio da multidão que o espreitava, Stilitano agachara-se no chão, recusando-se a continuar...»*

*Podemos comparar-nos e antagonizar-nos a Stilitano: De certo modo estamos, talvez, um pouco* sós *mas nunca nos* recusaremos a continuar.

JOSÉ JÚLIO FINO

## REGISTO

*Resultados da 5.ª jornada:*

A. VISEU — FAMALICÃO . 2-0
COVILHÃ — BEIRA-MAR . . 1-2
ESPINHO — SALGUEIROS . 0-2
LEÇA — PENAFIEL . . . . 4-1
TIRSENSE — T. NOVAS . . 2-0
VALECAMBRE. — TRAMAGAL 2-2
BOAVISTA — GOUVEIA . . 5-1

*Mapa de pontos:*

| | J. | V. | E. | D. | Bolas | P. |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Boavista | 5 | 4 | 1 | 0 | 14-5 | 9 |
| Salgueiros | 5 | 3 | 1 | 1 | 10-3 | 7 |
| Famalicão | 5 | 3 | 0 | 2 | 10-7 | 6 |
| BEIRA-MAR | 5 | 3 | 0 | 2 | 9-6 | 6 |
| A. Viseu | 5 | 3 | 0 | 2 | 8-5 | 6 |
| Tirsense | 5 | 2 | 2 | 1 | 6-5 | 6 |
| Leça | 5 | 3 | 0 | 2 | 8-8 | 6 |
| Tramagal | 5 | 2 | 1 | 2 | 9-10 | 5 |
| Gouveia | 5 | 2 | 1 | 2 | 4-8 | 5 |
| Penafiel | 5 | 1 | 2 | 2 | 4-6 | 4 |
| T. Novas | 5 | 1 | 2 | 2 | 5-7 | 4 |
| Valecamb. | 5 | 1 | 2 | 2 | 6-9 | 4 |
| Espinho | 5 | 1 | 0 | 4 | 4-10 | 2 |
| Covilhã | 5 | 0 | 0 | 5 | 4-12 | 0 |

*Jogos para amanhã:*

FAMALICÃO — BOAVISTA
BEIRA-MAR — A. DE VISEU
SALGUEIROS — COVILHÃ
PENAFIEL — ESPINHO
TORRES NOVAS — LEÇA
TRAMAGAL — TIRSENSE
GOUVEIA — VALECAMBRENSE

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

## *Velho problema sem solução...*

*Apontamento do* ENG.º MANUEL BOIA

# RECINTOS PARA AS MODALIDADES POBRES

A Associação de Basquetebol de Aveiro elaborou o calendário dos jogos dos Campeonatos Regionais da modalidade, para a presente época, calendário que a Imprensa trouxe já ao conhecimento do público.

Através dele, vê-se o número de clubes (sete) que actualmente praticam essa emotiva modalidade. Acontece que o panorama é imensamente desolador: em seniores, na prova máxima, ùnicamente cinco clubes — quando, durante muito anos, foram pelo menos oito os concorrentes. E isto num Distrito onde existem mais de trinta agremiações inscritas na Associação de Futebol e a concorrer aos campeonatos oficiais!

Só se pode concluir do exposto que é cada vez menor o apoio concedido ao basquetebol. Apoio e muito menos estímulo, o indispensável para que tudo passe a correr melhor.

Bem sabemos que as dificuldades financeiras são muitas. Mas também não se pede que cada clube pratique todas as modalidades.

Todavia, e como bem se sabe, acontece que há inúmeras vilas do nosso Distrito, sedes de concelhos, onde não se praticam as modalidades pobres, por não haver recintos. Citamos, por exemplo: Vila da Feira, Oliveira de Azeméis, Agueda, Oliveira do Bairro, Anadia e Vagos.

Por agora, neste apontamento, só pretendemos deixar a seguinte interrogação:

— Não seria de boa política, para se fomentar o interesse pelas modalidades pobres, distribuir as verbas destinadas a algum Pavilhão dos Desportos projectado para a região aveirense por recintos apropriados para a prática do basquetebol, do andebol, do voleibol e do hóquei em patins — os desportos mais divulgados —, a construir naquelas localidades e onde há dezenas de jovens que muito desejariam dedicar-se ao Desporto?

Claramente, que não atraiçoaríamos a intenção, muito louvável, de se construírem pavilhões cobertos, se esses novos ringues fossem feitos ùnicamente em locais onde, um dia, possa ser levantada uma cobertura.

# HÓQUEI EM PATINS

● *Em jornadas de propaganda promovidas pela Comissão Organizadora da Associação de Patinagem de Aveiro, Termas e Galitos defrontaram-se, nas Termas de S. Pedro do Sul, no último domingo, empatando a cinco golos; e voltam a jogar, esta noite, no Pavilhão de Ilhavo.*

*De realçar os frutos que os alvi-rubros têm vindo a colher em consequência da actividade regular da sua turma, em treinos e jogos. O Galitos, de facto, após tangencial desaire (5-6) na Marinha Grande, há bem pouco tempo, logrou empatar agora no rinque do Termas.*

● *A Comissão Organizadora da Associação de Patinagem de Aveiro assegurou a realização, em datas a indicar muito em breve, do II Torneio do Outono — com a participação da Académica, Galitos, Sport e Termas.*

● *A Federação Portuguesa de Patinagem já remeteu à Direcção-Geral dos Desportos, para o definitivo perecer, o processo relativo à criação da Associação de Patinagem de Aveiro. Aguarda-se, portanto, que seja superiormente homologado este novo organismo, que será presidido pelo Eng.º Manuel Bóia.*

● *Tudo indica que, em 30 de Novembro, se realize em Ilhavo um desafio de hóquei em patins de muito interesse, defrontando-se as turmas do Porto e de Lisboa. A anteceder esse prélio, em que intervirão os mais cotados «internacionais» portugueses, haverá um jogo entre as selecções de Aveiro e de Braga.*

*A turma aveirense será escolhida e orientada pelo Dr. Maya Seco, se este aceitar o cargo de seleccionador regional.*

# FUTEBOL

## Campeonato Nacional da II Divisão

*NUMA apreciação, muito sucinta, ao que se passou nas jornadas números quatro e cinco, haverá que destacar-se o brilhante comportamento do Boavista, a única equipa sem qualquer derrota, actual e destacado «leader». Os axadrezados, que haviam ganho em Viseu e golearam o Gouveia, no domingo findo, firmaram-se melhor na primeira posição, tirando benefício da derrota que o Famalicão sofreu justamente no Fontelo, diante do Académico visiense.*

*Outro facto digno de nota: a estreia do Beira-Mar e do Salgueiros, como vencedores extra-muros. Os salgueiristas ascenderam, isodos, ao segundo posto da tabela, enquanto os beiramarenses ficaram incluídos no lote das cinco equipas igualadas no terceiro lugar...*

*Na quarta jornada, além da proeza do guia, são de salientar os excelentes empates obtidos pelo Tirsense e pelo Valecambrense, em Penafiel e Torres Novas, respectivamente.*

*Na quinta ronda, há que evidenciar a igualdade posta pelo Tramagal em Vale de Cambra, depois do devido relevo que merecem, sem dúvida, os triunfos do Salgueiros e do Beira-Mar, em Espinho e na Covilhã — diante de dois Sportings que ocupam as derradeiras posições no mapa classificativo...*

*A carreira negativa dos «leões» da serra (com cinco derrotas seguidas, três delas no seu campo — em justamente cinco desafios) e o fraco comportamento dos «tigres» da Costa Verde (apenas um triunfo, contra o Covilhã, e quatro inêxitos, dois deles em Espinho...) estão a causar natural espanto.*

## Covilhã, 1 Beira-Mar, 2

Jogo no Campo Dr. Santos Pinto, da Covilhã, sob arbitragem do sr. António Anastácio, da Comissão Distrital de Lisboa.

As equipas formaram deste modo:

COVILHÃ — Gainza; Quintino, Manteigueiro, Leite e Coureles; Figueiredo e Augusto; Cipriano, Naftal, Fazenda e Prata.

BEIRA-MAR — José Pereira; Bernardino, Joca, Marçal e Marques; Abdul (Silva) e Colorado; Amaral, Cleo, Eduardo e Almeida.

Em posição deveras ingrata, os covilhanenses constituiam adversário temível, porque, como se compreende, a equipa tem premente necessidade de pontos.

A sua procura, os serranos bateram-se com entusiasmo e efectuaram a sua melhor exibição em curso. Mas tanto não bastou para conseguirem os seus intentos, porque o Beira-Mar não o consentiu, mercê duma actuação inegàvelmente brilhante.

Na metade inicial, bem jogada pelas dua equipas, houve equilíbrio notório, mas o Covilhã, mais impetuoso nas suas ofensivas, logrou ligeiro ascendente, traduzido pela obtenção do seu golo, por intermédio de FAZENDA, aos 38 m.

Após o reatamento, com Silva no posto de Abdul, os beiramarenses tiveram superior produção de jogo e ganharam jus ao triunfo — excelente e muito oportuno para as suas aspirações —, pois foram mais acutilantes e mais rematadores, conseguindo, como prémio, concretizar dois lances de perigo que construiram: aos 63 e aos 77 m., de ambas vezes em remates de ALMEIDA.

O árbitro lisboeta, com trabalho facilitado pela extrema correcção do desafio, realizou actuação de bom nível.

**PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 7 DO «TOTOBOLA»**

*20 de Outubro de 1968*

| N. | CLUBES | 1 | x | 2 |
|---|---|---|---|---|
| 1 | Riopele — Tirsense | | | 2 |
| 2 | Leça — Penafiel | 1 | | |
| 3 | Fafe — Oriental | | | 2 |
| 4 | Lamas — Luso | 1 | | |
| 5 | Sesimbra — Portimon. | 1 | | |
| 6 | Farense — Salgueiros | | | 2 |
| 7 | C. Branco — Tramagal | | | 2 |
| 8 | U. Coimbra — Beira-Mar | | | 2 |
| 9 | Vianense — Boavista | | | 2 |
| 10 | Vizela — Valecambren. | | | 2 |
| 11 | Sintrense — Torriense | 1 | | |
| 12 | A. S. A. — Ferroviário | 1 | | |
| 13 | Quelimane — Textáfrica | 1 | | |



# Basquetebol

## CAMPEONATOS DE AVEIRO

## JUNIORES e JUVENIS

*No último domingo, na ronda inaugural destes torneios, apuraram-se os seguintes desfechos:*

Juvenis

AMONIACO — GALITOS . . . 26-34
ESGUEIRA — SANGALHOS . . 62-28
BEIRA-MAR — ILLIABUM . . 14-37

Juniores

ESGUEIRA — SANGALHOS . . 42-31
BEIRA-MAR — ILLIABUM . . 8-58

*— Factos de relevo: o excessivo número de faltas assinaladas no Esgueira — Sangalhos, em júniores; as dificuldades que os juvenis do Galitos encontraram em Estarreja; a debilidade dos representantes do Beira-Mar, sobretudo na categoria de juniores, que tiveram estreia desalentadora; e o facto de terem ganho todos os favoritos.*

*Assinalemos ainda, com uma palavra de elogio, a actuação dos árbitros Manuel Gonçalves e Aureliano Silva, nos jogos Beira-Mar — Illiabum (a que assistimos): o primeiro, sobretudo, sobre estar sempre seguro, teve a grande virtude de esclarecer os jovens basquetebolistas do motivo das infracções que lhes assinalava.*

*— Jogos para amanhã:*

GALITOS — SANGALHOS
ESGUEIRA — BEIRA-MAR
ILLIABUM — SANJOANENSE

*Folgará o Amoniaco (juvenis). Os desafios principiam às 10 horas (juvenis) e às 11 horas (juniores).*

# AVEIRO na I e na III DIVISÃO

● Ao cabo de cinco jornadas, a SANJOANENSE conseguiu averbar o seu primeiro ponto, no «Nacional» da I Divisão, mercê do empate a zero que impôs ao Belenenses, no Estádio do Restelo. Anteriormente, a turma de S. João da Madeira foi derrotada pela C. U. F. (3-0) e pelo F. C. Porto (2-1), no Barreiro e nas Antas; e perdera, no seu campo, contra a Académica (0-1) e contra o Benfica (0-2).

Amanhã, a SANJOANENSE — que ocupa o 13.º lugar — recebe o Sporting de Braga.

● No Campeonato da III Divisão, os clubes aveirenses estão incluídos na Zona B, em que se apuraram, na ronda de abertura, os seguintes desfechos:

LAMAS — Vildemoinhos . . . . 4-1
OLIVEIRENSE — Mortágua . . . 4-1
FEIRENSE — U. de Coimbra . . 1-2
Celoricense — Guarda . . . . . 1-1
LUSITÂNIA — Lamego . . . . . 1-0
Marialvas — Pinhelenses . . . 3-0

Amanhã, efectuam-se estes jogos:

Vildemoinhos — Marialvas
Mortágua — LAMAS
FEIRENSE — OLIVEIRENSE
Guarda — U. de Coimbra
Lamego — Celoricense
Pinhelenses — LUSITÂNIA



# XADREZ de NOTÍCIAS

Sob orientação do técnico Diamantino Dias, iniciaram-se, na passada semana, os treinos dos andebolistas do Beira-Mar, que prosseguirão às terças e quintas-feiras.

Na Secção de Andebol dos beiramarenses, além do Delegado da Direcção, Alfredo Almeida Marques, encontram-se os desportistas Agidio Pádua, Porfírio Soares Machado e António José Gonçalves Meneses Leitão — o último antigo praticante do Estrela e Vigorosa, do Porto, agora radicado em Aveiro.

Na terceira jornada do I Torneio Corporativo de Futebol organizado pela Delegação de Aveiro da F. N. A. T., apuraram-se estes resultados:

CORFI — MOLAFLEX . . . . . 7-1
EST. S. JACINTO — C. P. LAMAS 1-2
C. P. LUSO — MOGOFORES . . 4-0
VILARINHO — PAULA DIAS . . 2-0

Amanhã, defrontam-se:

MOLAFFLEX — OLIVA
C. P. LAMAS — CORFI

Vai disputar-se, em Espinho, o III Torneio de Andebol da Costa Verde, a que concorrem — além de grupos portuenses, o Sporting de Espinho e a Sanjoanense.

Também convidado para aquela competição, o Beira-Mar declinou o convite, por não ter a equipa devidamente preparada.

Num encontro amistoso de futebol, em Lourosa, no penúltimo domingo, o Lusitânia perdeu com o Alba, por 2-1. Na turma de Albergaria-a-Velha, já não alinhará o guarda-redes Pais — um reforço que tinha sido anunciado — ,que ficou de novo no Académico de Viseu, um tanto inesperadamente.

No boletim do concurso n.º 7 do «Totobola», para 20 do corrente, foram incluidos onze desafios da ronda de abertura da «Taça de Portugal» — a disputar só numa mão — e os jogos A. S. A. — Ferroviário e Quelimane — Textáfrica, dos Campeonatos Provinciais de Angola e Moçambique, respectivamente.

# FRANCISCO DA SILVA ROCHA

Continuação da primeira página

Visto por A. Torres

*nissimo interesse.*

*Dias depois deste breve e agradável encontro, recebia pelo correio, com grande espanto meu e com lisonjeiras dedicatórias, dois belos trabalhos do Padre Romero Vila, da Academia Portuguesa Ex-Libris, trabalhos que li com muito interesse porque, além do reconhecimento devido àquele sacerdote, me falavam de duas figuras pelas quais nutro particular simpatia e admiração: os escultores Alves de Sousa e Teixeira Lopes, há muito desaparecidos.*

*O primeiro foi o autor, entre outros trabalhos célebres, da escultura «Oedipo e Antígona», que tanto o notabilizou, trabalho que procura evocar a figura desse trágico Édipo que, sem saber, matou o próprio pai, acabando ainda, por ignorância, por casar com a mãe, tragédia que a psiquiatria escolheu para dar um nome a um complexo muito frequente nas crianças — o complexo de Édipo —, nome tirado dessa inesquecível tragédia grega que levou o rei de Tebas, desesperado, a vazar os olhos, «a despedir-se das suas reais grandezas para, com sua filha, Antígona, abandonar o reino e por ela ser guiado, pelo mundo fora, em doloroso exílio voluntário». O segundo foi o célebre escultor de crianças que, pelo facto de nunca ter filhos escreveu — como se pode ler no trabalho do Padre Romero Vila intitulado «No centenário do nascimento de Teixeira Lopes» —, o seguinte: «O destino quis que eu não tivesse filhos; não pude conhecer essa ventura e Deus sabe com que amargura o digo. Esse mesmo destino levou-me a ser — como todos dizem — o escultor das crianças. Teria eu modelado esses pedaços de alma se fosse um pai feliz? Talvez não.»*

*Alves de Sousa, que abandonou o mundo aos trinta e oito anos, foi, sem dúvida, um dos maiores escultores portugueses de todos os tempos e foi também o autor de alguns monumentos célebres, entre os quais me é grato citar o da Rotunda da Boavista do Porto. Só não foi também o autor do monumento ao Marquês de Pombal, em Lisboa, porque, como recorda Romero Vila, um júri assim o entendeu; mas Atónio Arroyo, conhecido escritor, engenheiro, músico e crítico de arte, indignou-se contra a escolha feita, por considerar Alves de Sousa o escultor que deveria ser classificado em primeiro lugar.*

*Ao recordar aqui o nome de António Arroyo, que contava entre os seus amigos os dois artistas a que acabo de referir-me, lembrei-me de Francisco da Silva Rocha, talentoso aveirense que conheci, pela primeira vez, em casa do meu saudoso cunhado Ricardo Pereira Campos Júnior, que ao ilustre crítico de arte, a Teixeira Lopes e a Alves de Sousa, mereceu, a par duma grande estima, uma extraordinária admiração.*

*Durante longo tempo, contactei com essa veneranda figura que, além de possuir uma cultura geral invulgar, tinha estampado no rosto os traços de um homem profundamente bom, de elevado carácter, bem alicerçado numa educação primorosa e invulgar, de que os seus descendentes são nobilíssimo reflexo.*

*Amigo dos maiores pensadores, escritores e artistas portugueses nacionais do seu tempo, também o seu privilegiado espírito conviveu com notáveis escritores e artistas estrangeiros.*

*Silva Rocha foi, na nossa lindíssima cidade dos canais, um distinto arquitecto, paternal director da Escola Industrial e Comercial e, ali, respeitado pedagogo; íntegro director de um banco e pintor de rara e apurada sensibilidade. Quando morreu, com noventa e tal anos, deixou na superior e elevada massa de intelectuais e eruditos aveirenses, nos seus inúmeros alunos e no povo, uma saudade que dificilmente o tempo apagará.*

*Gostaria de poder imitar o Padre Romero Vila e referir-me a Silva Rocha como ele o soube fazer ao relevar as figuras inesquecíveis de Teixeira Lopes e Alves de Sousa. Confesso que não sou*

Continua na página quatro

# Espelho da Cidade

Título — que é homenagem — transladado dum filme notável de Vasco Branco

Nas águas dos canais o céu s'espelha,
Às águas dando os tons mais variados
Que vão dos tons azuis esverdeados,
Aos tons dourados duma opa velha.

E quando a brisa ou a nortada engelha
As águas, em reflexos irisados,
Começa, ante os olhos espantados,
O «ballet» da imagem que se espelha.

Montes de sal, de alvura imaculada,
Gaivotas que do peixe andam ao cheiro
No rasto da traineira ora chegada...

Entra agora na dança o moliceiro
C'o a caprichosa proa recurvada.
...Tanta beleza, tanta, só AVEIRO!

Maio — 66

ROGÉRIO BARROCA

# CÂNDIDO TELES

Com o óleo «Algarve I», Cândido Teles obteve o primeiro prémio no I SALÃO DO ALGARVE, que encerrou em 15 do mês transacto. Também em Faro triunfou o pintor ilhavense, nado e criado nas margens da Ria de Aveiro — que é já pintor conhecido e distinguido aquém e além-Ria.

O trabalho galardoado — entre muitos de consagrados autores — integra-se num conjunto de três «Algarves», painéis de consideráveis dimensões, em que Cândido Teles explorou, por simplificação e abstracção, o binário rocha-água, daí resultando uma solução acentuadamente expressionista, que particularmente se teria imposto ao júri pela actualidade técnica e conteúdo pictórico.

Cândido Teles está francamente lançado na corrida para os êxitos: depois do primeiro prémio, em óleo também, no AVEIRO IV, soma-se-lhe, agora, o do Algarve; e, com este, mais uma menção honrosa no recente VI

Continua na página quatro

# CRÓNICAS de CINEMA

## Pelos «écrans» de Aveiro

## «GRINGO NÃO PERDOA» (Um pouco à maneira de Mário Castrim)

**Artur Fino-Júlio Henriques**

*NUM movimento quase constante, insistente, diurético, os cinemas cá da terra (e das outras também) fartam-se de atirar sobre nós quilómetros de vacuidades cinematográficobarretais. Mais uma vez (e porque não havia mais que ver e porque no dia seguinte era, por providência dos deuses, feriado) fomos ao cinema espionar como se estraga dinheiro sem se olhar a meios. Entre parêntesis, nós também o fizemos: largámos os dez paus da ordem (cada um) logo à entrada e já não havia salvação. Ah, vimos lá o Fernandes, especialista em barretes. Como já íamos preparados para um, não estranhámos.*

### O DRAMA

*Era em TechniCola, Dyalis-Cospe e tudo, distribuído pela Filmes Castello Lopes, com o ídolo dos ídolos (sic), Monty Wood, quer dizer, Giulliano Gemma. «A desforra cruel duma traição», dizia o prospecto. «Acção electrizante num filme extra-ordinário» (aspas). A gente é que nunca mais se desforra da perca da faneca de vinte que demos na bilheteira. Enfim, desgraças.*

*«Super filme», continuava o famigerado prospecto, referindo-se àquela quantidade descomunal de porcaria technicolorida (2 175 metros de celulóide ou talvez menos).*

*Aqueles abusadores (produtores, realizador, operadores e outros cúmplices) italo-franco-espanhóis ofereceram-nos, a troco dos tais «vintinhos» prós ingressos, uma sessão de molho bem condimentado por belas cenas, com pancadaria a granel (dada nátmosfera, toda a gente viu) que, a avaloar pelo som que a ilustrava, seria capaz de despachar um cavalo irlandês logo às primeiras. Mas não senhor. Os tipos eram mesmo bons. O Gringo, atão, era um disparate: batia em toda a gente, tadinha. Muita pancada levaram aqueles esgraçadinhos! E quanto ao tiroteio, nem é bom falar. Os bandidos é queram muito broncos, coitados. Eram analfabetos e não tinham culpa nenhuma. Condescendiam sempre em servir de alvo à puntaria do rapaz. Este cóboi, quera o Gringo, andava a fazer-se à miúda, quéra Connie, num sabemos se salembram. Mas a história num começava aqui. O Gringo, (cafinal era o Mac qualquer coisa e tenente ó capitão dos confederados), estava tramado em poder dosinimigos, queram os do norte e usavam fardas escuras. Eles, os do sul, também eram inimigos dos do norte, mas usavam fardas claras, já tinham descoberto o omo. Ôspois, comé que foi? Como ele sabia da poda, deu uma sova no coronel nortista quinté. Não, não: foi masé no cabo do rancho por ele não perceber nada de culinária. Pois, assim é que foi. O coronel é que gostava da miúda, perdão, o coronel era velhadas e já não*

Continua na página dois

# ARCA de Antiguidades

SECÇÃO DIRIGIDA PELO DR. HUMBERTO LEITÃO

ALGUNS ASPECTOS DA VIDA AVEIRENSE NO SÉCULO PASSADO

## UM CURIOSO DOCUMENTO

## Auto da arrematação da renda da Barca da Boqueia do Pinheiro

«Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos sessenta e quatro, aos três dias do mês de Julho do dito ano, nesta Cidade d'Aveiro, e casas da Câmara Municipal da mesma, aonde se achavam presentes o Presidente e mais vereadores abaixo assinados, por ele Presidente foi dito que tendo-se anunciado por editais, para no dia de hoje se arrematar a renda da barca da Boqueia do Pinheiro, metade pertencente a este Município e a outra metade ao de Albergaria, ordenava que se abrisse a praça para se proceder à mencionada arrematação, e em seguida mandou ao Oficial de Pregoeiro Joaquim Simões Basílio, que puzesse a dita renda a pregão, ao que satisfazendo, o referido Oficial deu princípio à arrematação, apregoando às portas deste edifício, dizendo que quem quizesse lançar na renda da barca da Boqueia do Pinheiro viesse dar o seu lanço, que se havia de arrematar e entregar a quem por ela mais oferecesse, e continuando com este pregão por espaço de tempo apareceu José João de Abreu, de San João de Louro, e lançou a quantia de vinte mil réis em metal sonante e cor-

Continua na página três

## «VIVER PARA VIVER» de Claude Lelouch

**Luís Lima Ramos**

NÃO podemos deixar de considerar o filme de Claude Lelouch como um mau filme:

1 — Em face da história conjugal que nos conta, o filme de Claud Lelouch não educa; não permite concluir com clareza o que era que estava errado na vida em comum de Robert e Catherine. É certo que Rob. não devia enganar Cath., nem devia de um modo geral votá-la àquele papel de esquecida, àquela vida à margem da vida dele. E é certo que Cath., podendo fàcilmente pressentir um tal estado de coisas desde o início, devia reagir contra essa situação, provocando, se necessário, um sincero debate de razões com o marido. No entanto, o filme não nos mostra Cath. a proceder assim: como iremos compreender que ela devia proceder assim? O filme mostra-nos um Rob. que pôde gozar como lhe apeteceu, e voltar para Cath. quando lhe apeteceu: com que base vamos julgar má a conduta de Rob.? Do princípio ao fim da história, o papel de Cath. não deixa de ser o da mulher submetida ao homem, mulher para uso do homem quando ele está em casa. É precisamente este quadro que o filme, quando termina, nos deixa desenhado — resumo e conclusão de toda a história conjugal que nos é contada: a mulher, objecto para uso do homem. E note-se que tal quadro não é apagado, perto do final, pela atitude mais ou menos firme de Cath.,que acorda numa separação e refaz a sua vida com independência e dignidade: pois se, apesar de tudo, Cath. volta a viver com Rob. quando ele a chama! E como saber se a nova ligação dos dois será mais justa que a primeira? O que nos responde o filme a isto? Nota-se o empenho em apresentar aos espectadores um Rob. desenvolto, actual, homem de facilidades. Um Rob. assim acaba por inspirar (tristemente), em grande parte do públi-

Continua na página dois